



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS  
BACHAREL EM MUSEOLOGIA**

**NAIARA SANTANA DO NASCIMENTO SANTOS**

**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA: GESTÃO E EXTROVERSÃO DE  
ACERVO ARQUEOLÓGICO**

Cachoeira – BA

2016

**NAIARA SANTANA DO NASCIMENTO SANTOS**

**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA: GESTÃO E EXTROVERSÃO DE  
ACERVO ARQUEOLÓGICO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Henry Luydy Abraham Fernandes

Cachoeira – BA

2016

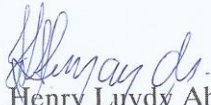
NAIARA SANTANA DO NASCIMENTO SANTOS


DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA:  
GESTÃO E EXTROVERSÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 28 de janeiro de 2016.

Banca Examinadora

  
Prof. Dr. Henry Luydy Abraham Fernandes (orientador)  
Doutorado em Antropologia – UFBA

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiana Comerlato (membro interno)  
Doutorado e Mestrado em História com concentração em Arqueologia – PUCRS

  
Bel. George Silva Nascimento (membro externo)  
Graduação em Museologia – UFRB

## **Agradecimentos**

Passei esses quatro anos de minha vida imaginando como seria quando chegasse esse momento. E então, ele chegou! E aqui estou escrevendo os meus mais sinceros agradecimentos.

Quero agradecer primeiramente a meu Deus por ter me possibilitado chegar até aqui. Por várias vezes durante a minha caminhada tive que dobrar os meus joelhos e pedir-lhe sabedoria, perseverança para que eu pudesse continuar.

A minha mãe Vera Lúcia que sempre esteve comigo, meus tios e tias Antônio, Roque e José, em especial Paulo Cesar que sempre me incentivou nos estudos e tenho certeza que está orgulhoso por esse momento, a Luciene e Ledinalva pelo apoio, as minhas primas Carla e Luana, as quais tenho certeza que posso contar a qualquer momento. Ao meu namorado Jorge que mesmo distante nunca deixou que eu desanimasse. Obrigada por tudo! Sem vocês nada seria possível.

Aos amigos e colegas, que aqui não posso deixar de citar, Maria Helena, Dinalva, Joélida, Daniela, Luiz Antonio, Anderson Ferreira, Eliene, Júlia, Aline (tia), Renata Sodré, Fabiane, Vanderlani, George e L via, entre outros, que fizeram a minha caminhada valer à pena.

Aos meus professores Fabiana Comerlato e Carlos Costa, em especial Luydy Fernandes por ser tão paciente comigo e não medir esforços para me ajudar. A vocês, por serem exemplos de competência e profissionalismo, pessoas que nós alunos usamos com referência. obrigada por me direcionarem!

Aos seguranças Roque, Luciano, João e Claudio, ao pessoal da faxina que sempre me ajudaram quando eu precisei. A Tone, Seu João e Tainho por fazerem parte dessa trajetória durante esses quatro anos. Seria tudo tão difícil sem vocês!

Muito obrigada a todos!

“Nada é tão nosso como  
os nossos sonhos”.

Friedrich Nietzsche

SANTOS, Naiara Santana do Nascimento. **DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA: gestão e extroversão de acervo arqueológico**. 2016. 89 f. Monografia (Graduação em Museologia) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016.

## RESUMO

Nesta pesquisa utilizamos a coleção de artefatos líticos do sítio Piragiba para demonstrar a aplicação da documentação museológica em acervo arqueológico realizada no Laboratório de Documentação e Arqueologia (LADA) – espaço de cunho museológico – refletindo sobre os percalços invisíveis, e as consequências concretas trazidas em função do gerenciamento desse tipo de acervo. Para tanto, discutimos a interface entre a Museologia e Arqueologia tomando como eixo a documentação museológica entendida como procedimento indispensável no processo de musealização, como também, as relações legais que permeiam esse processo.

**Palavras – chave:** Documentação museológica, Laboratório de Documentação e Arqueologia; Coleção Lítica, sítio Piragiba; Gestão de acervo arqueológico.

## Lista de ilustração

Figura 1 - Planta baixa do Laboratório de Documentação e Arqueologia.....	28
Figura 2 - Tabela de sítios registrados no âmbito da arqueologia de Contrato.....	34
Figura 3-Tabela de sítios registrados no âmbito da arqueologia acadêmica.....	35
Figura 4- Imagem área da vila Piragiba.....	39
Figura 5 - Higienização do acervo.....	45
Figura 6 - Estigmas de lascamento.....	46
Figura 7 - Foto de estigmas de uso.....	46
Figura 8 - Marcão com caneta nankin.....	47
Figura 9 - Marcação com pena.....	47
Figura 10 - Arrolamento da coleção Piragiba.....	48
Figura 11- Acondicionamento da coleção Piragiba.....	48
Figura 12 - Organização das caixas arquivo.....	49
Figura 13 – Livro de siglas.....	51
Figura 14 – Livro de coleção de Ocorrência e Referência.....	53

## **Lista de abreviaturas e siglas**

AID - Área de Influência Direta

CADCT\SEPLANTEC - Centro de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Secretária de Planejamento do Estado da Bahia.

CAHL - Centro de Artes Humanidades e Letras

CIDOC - Comitê Internacional de Museus

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EIA - Estudo de Impacto Ambiental

FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus

ICOM - Conselho Internacional de Museus

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LADA - Laboratório de Documentação e Arqueologia

MinC - Ministério da Cultura

PIBEX - Programa Institucional de bolsas de Extensão Universitária

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

RIMA - Relatório de Impacto Ambiental

SEMA - Seminário de Arqueologia

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.



## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1 - Museologia x Arqueologia</b> .....	13
1.1 Documentação museológica .....	13
1.2 A documentação como parte do processo de musealização .....	18
1.3 Interface entre museologia e arqueologia .....	19
1.4 Documentação museológica aplicada em acervos arqueológicos .....	23
<b>Capítulo 2- Laboratório de Documentação e Arqueologia (LADA), espaço de cunho museológico</b> .....	27
2.1 Histórico .....	27
2.2 Projetos e atividades desenvolvidos no LADA .....	29
2.3 LADA enquanto espaço de cunho museológico.....	37
<b>Capítulo 3 – Documentação museológica e a coleção de artefatos líticos do sítio Piragiba: um estudo de caso</b> .....	39
3.1 Histórico do Sítio .....	39
3.2 Do campo ao Laboratório.....	41
3.2.1 Normas de procedimentos curatoriais adotadas pelo LADA .....	42
3.2.2 O processo curatorial e as especificidades dos artefatos .....	43
3.2.3 Documentação museológica e a coleção Piragiba .....	44
3.2.4 Organização do acervo.....	50
3.3 Implicações de gerir acervo arqueológico .....	53
Considerações Finais.....	55
Referências .....	57
Apêndice A .....	61
Apêndice B .....	62

## Introdução

A presente pesquisa é norteadada pelo campo da documentação museológica e tem sua aplicabilidade no Laboratório de Documentação e Arqueologia (LADA), espaço de cunho museológico, vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL), situado na cidade de Cachoeira - Bahia. Tem como finalidade mostrar e discutir a aplicação da documentação museológica em acervos arqueológico.

Ao entrarem em instituições museológicas os objetos trazem informações sobre a vida que antecede ao seu ingresso, da mesma forma ocorre com os artefatos arqueológicos, porém essas informações são constituídas por documentos gerados em campo. Ao adquirir esse tipo de acervo deve-se estar ciente de que é necessário o acompanhamento do dossiê que consiste em fichas, croquis, desenhos, mapas, plantas, cadernos de campo, fotografias, relatório final, ou seja, toda produção realizada a partir do trabalho em campo.

Levando em consideração a interface entre as disciplinas, a proposta é mostrar a documentação realizada no LADA com a coleção lítica do sítio Piragiba, visando também mostrar o modelo de sistema documental adotado pelo laboratório. Dessa forma, elencamos os procedimentos documentais, e discorreremos sobre a documentação no processo de musealização, assim nos debruçamos nas implicações legais no gerenciamento de acervo arqueológico.

O acervo do laboratório anteriormente nunca foi estudado por essa inter-relação, digamos que teoricamente, pois as atividades práticas automaticamente os colocam sob essas vertentes científicas. A ideia de falar do acervo sob o viés da museologia e arqueologia, além da sistematização da documentação para atender as demandas informacionais, surgiu da prática adquirida por meio do contato direto com o acervo arqueológico sob guarda do laboratório. Escrever sobre a documentação por meio do viés arqueológico e conseqüentemente sobre o laboratório tendo como base esse diálogo permitirá que as atividades posteriormente desenvolvidas sejam subsidiadas por essa produção.

No laboratório são desenvolvidas atividades de pesquisa, ensino e extensão, permitindo que alunos, estagiários e bolsistas desenvolvam estudos acerca da área de formação. Camila Azevedo de Moraes Wichers expõe sua visão sobre a relação das áreas dizendo que: “a interface museologia - arqueologia é entendida como eixo conceitual e metodológico para o desenvolvimento de processos de socialização e democratização das coleções e narrativas arqueológicas” (WICHERS, 2011, p.28).

Tal diálogo acontece no LADA, na medida em que os acervos arqueológicos provenientes de pesquisas realizadas pelos professores Luydy Abraham Fernandes, Fabiana Comerlato e Carlos Alberto Santos Costa são expostos as práticas museológicas como: o processo de higienização que consiste na limpeza dos objetos arqueológicos. O procedimento de marcação, que também é chamado de registro do objeto, e que possui peculiaridades que varia de instituição para instituição; o arrolamento que é o levantamento total e rápido de todo acervo existente, análise/pesquisa e; o acondicionamento que é a proteção ou isolamento do ambiente que o cerca, a fim de mantê-lo em perfeito estado, para que informações não se percam e, assim paralelo a esse processo é construída a documentação museológica.

Estagiar no LADA permitiu entender a documentação como ferramenta para subsidiar as ações práticas desenvolvidas no museu e assim, como atividade importante na musealização, mas, não somente isso, como também compreender que a documentação sofre adequações no que concerne a natureza do objeto. Nesse caso, o patrimônio arqueológico traz consigo informações oriundas dos sítios que precisam ser registradas de forma adequada, pois a perda de informações como localização e posição de um artefato pode alterar diagnósticos dados pelos profissionais mediante pesquisas.

Portanto, o estudo da documentação museológica aplicada aos acervos arqueológicos traz reflexões que perpassam pela deficiência de informações extraídas do objeto arqueológico, no momento em que o objeto é submetido ao procedimento documental tanto arqueológico como museológico. As ações evidenciam a necessidade de reunir o maior número de informações possíveis para que a comunicação do patrimônio arqueológico se estabeleça eficazmente, eliminando possíveis lacunas. No que tange às práticas documentais cada uma delas são descritas esclarecendo as diferenças existentes na metodologia utilizada

para documentar os diferentes objetos arqueológicos, e por fim, todos esses métodos e resultados culminarão em uma produção bibliográfica tendo como objeto de estudo o Laboratório de Documentação e Arqueologia e o acervo lítico do sítio Piragiba.

O trabalho aqui desenvolvido estruturou-se em três capítulos da seguinte forma: o primeiro trata dos teóricos da documentação, juntamente aos teóricos que retomam historicamente a interface entre a museologia e arqueologia, discorrendo sobre as intercessões e legislações pertinentes às áreas. Apoiado nessas vertentes discutiu-se de que forma se dá a extroversão dos objetos arqueológicos por meio da documentação entendida como parte do processo de musealização. Assim, o leitor insere-se previamente no tema abordado possibilitando um melhor entendimento sobre o assunto discorrido ao longo dos próximos capítulos.

O segundo traz um breve histórico da instituição em que a pesquisa é desenvolvida, descrevendo as atividades e projetos realizados, com o intuito de explicar a denominação de ‘espaço de cunho museológico’ a ele atribuído.

O terceiro e último capítulo aborda o estudo de caso realizado no LADA, fundamentando-se na coleção de artefatos líticos do sítio Piragiba, apresentando os procedimentos metodológicos e como resultado a documentação do sítio, além de tratar sobre as implicações legais por detrás do gerenciamento de acervos arqueológicos. É composto também pelas considerações onde situa o laboratório nas discussões efetuadas nos capítulos anteriores.

## Capítulo 1 - Museologia x Arqueologia

### 1.1 Documentação museológica

Pensar em documentação museológica é enxergar o objeto como único, e assim, compreendê-lo como suporte informativo capaz de transmitir mensagem por meio de seus significados. Para tanto se utiliza da pesquisa para a extração e as inúmeras possibilidades de extroversão do conhecimento.

A documentação de acervos museológicos e o conjunto de informações sobre cada um dos itens, e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar [...] as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994, s/p).

Porém a documentação museológica nem sempre foi entendida dessa forma. No artigo 'O tratamento e organização de informações em museus' as autoras Suely Moraes Cerávolo e Maria de Fátima Gonçalves Moraes Tálamo mencionam sobre o lento desenvolvimento da documentação em museus e colocam que por muito tempo foi deixada de lado em relação às outras atividades desempenhadas dentro das instituições museais. Mencionam ainda que:

[...] a documentação ainda não era pensada como uma atividade especializada com procedimentos e objetos particulares sendo estes um dos focos de discussões e de tentativas de implementação de sistemas durante o decorrer do século XX (CERAVOLO e TALAMO, 2000, p.242).

Nesse período a criação de organizações como o ICOM (Conselho Internacional de Museus) e o CIDOC (Comitê Internacional de Documentação) criado como uma extensão do ICOM, veiculando a secretaria do Centro de Documentação UNESCO-ICOM, configuram a implementação desses sistemas, com o intuito de padronizar a nível internacional, o uso de etiquetas-padrão para a identificação do objeto, fichas catalográficas e inventários. O CIDOC enfrentou

vários problemas em razão dos variados procedimentos realizados pelas instituições. Além de se deparar com a ideia de que a informatização resolveria os impasses existentes no tratamento da informação, porém, entenderam que a informatização só contribuiria para padronização da documentação museológica se as questões voltadas para a documentação fossem previamente definidas, mas que teria sua utilidade no que toca o armazenamento de informações.

O uso de padrões e recomendações é frequente em museus da Europa, o CIDOC/ICOM tem trabalhado neste sentido, servindo de apoio aos museus que necessitam de auxílio quanto ao serviço de documentação e informatização de seus acervos. (YASSUDA, 2009, p.26).

Em se tratando de implantações de sistemas voltados para a documentação, nomes como Yvonne Oddon e George Henri Riverei são citados freqüentemente em bibliografias que retomam historicamente a documentação museológica, pois são personalidades que participaram ativamente na introdução de novas ideologias na área de museu, visto que “Yvonne Oddom molda os primeiros passos do CIDOC [...] e George Henri Riverei diretor do ICOM por anos consecutivos” (CERAVOLO e TÁLAMO, 2000, p.242).

Todo o exposto acima foram discussões que permearam o cenário europeu durante o século XX. Paralelo a esse período, no Brasil temos personalidades como:

Gustavo Barroso com Introdução a Técnica de Museus, define como técnica de museus o conjunto de regras, princípios e conhecimentos indispensáveis à organização de museus. Reforça o ineditismo do assunto, pois segundo ele o mesmo ainda não fora tratado no país. (NASIMENTO e SÁ, 2012, p.493).

Ceravolo e Tálamo (2007) mencionam figuras como Fernanda Camargo-Moro e Regina Real que contribuíram para desenvolvimento da documentação, considerando que Fernanda confere à documentação o papel de primeiro suporte/procedimento informativo para o desenvolvimento de pesquisas e Regina, objetivou explicar a ciência da organização dos museus, ou seja, a importância das

etiquetas informativas, nesse momento, ainda não fazia uso da expressão documentação de museu.

José Antônio do Prado Valladares “Em 1946, publicou em Salvador “Museus para o Povo. Um estudo sobre museus americanos [...] Nesse livro explica os programas oferecidos, o tratamento dado às coleções, os tipos de exposições, o trabalho dos funcionários e no que diz respeito ao cotidiano, narra atividades do planejamento às etiquetas e catálogos” (CERAVOLO, 2007, s\p).

A partir desses autores é possível perceber que no Brasil, em meados do século XX, já havia uma preocupação direcionada para tratamento dado ao objeto e, ainda mais, quais mecanismos seriam utilizados para a organização e comunicação das informações contidas nesses objetos. “O termo documentação, na realidade, só será utilizado no âmbito museológico na segunda metade do século XX, mais especificamente depois da criação do Conselho Internacional dos Museus” (YASSUDA, 2009, p.33). Manuelina Maria Duarte Cândido disserta:

Nos últimos 30 anos do século XX, profundas alterações revolucionaram a Museologia internacional e seguidas reuniões produziram documentos onde podemos identificar novas preocupações, que não apenas a preservação material dos objetos. Inserido nas transformações sociais, culturais e históricas mundiais, o museu se afastou cada vez mais de sua conceituação clássica, experimentando novos processos no mundo inteiro, inclusive no Brasil (CÂNDIDO, 2004, p.32).

Como marco nas transformações conceituais da área, a Mesa Redonda de Santiago do Chile de 1972 considerou como papel prioritário dos museus a sua intervenção social (CÂNDIDO, 2004, p.33)

Outros documentos internacionais significativos para a compreensão da trajetória de transformações conceituais na Museologia foram: a Declaração de Quebec (1984), surgida conjuntamente à criação do MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia, importante contribuição para o reconhecimento pela Museologia do direito à diferença; e a Declaração de Caracas (1992), onde foram reafirmados a prioridade à função sócio-educativa do museu [...] ARAÚJO e BRUNO (1995, apud CÂNDIDO, 2004, p.34)

O museu em sua gênese possui a função de conservar, investigar interpretar e comunicar, para tanto articulou métodos que permitem a reunião e difusão das informações contidas nos objetos, dessa forma estreitou-se a relação entre o homem e o acervo. O potencial informativo dos objetos permite analisar por meio de informações intrínsecas e extrínsecas o contexto social em que estavam inseridos e quais representações e significados possuíam nesses contextos. Desse modo Maria Inêz Cândido diz que:

[...] objetos só se tornam documentos quando são interrogados de diversas formas, e que todos os objetos produzidos pelo homem apresentam informações intrínsecas e extrínsecas a serem identificadas. As informações intrínsecas são deduzidas do próprio objeto, a partir da descrição e análise das suas propriedades físicas (discurso do objeto); as extrínsecas, denominadas de informações de natureza documental e contextual, são aquelas obtidas de outras fontes que não o objeto (discurso sobre o objeto) (CÂNDIDO, 2006, p.33).

Há diferentes tipologias de acervo e em virtude dessa realidade, a documentação tende a passar por adaptações, condicionada pela materialidade e imaterialidade, oferecida pelo objeto musealizado. Com a finalidade de fazer com que a documentação abrangesse a grande diversidade de acervos, Peter Van Mensch cria uma estrutura capaz de extrair e reunir informações de qualquer suporte informativo exposto a esse método.

Helena Dodd Ferrez (1994) assim como Maria Inêz Cândido (2006) citam Peter Van Mensch para falar das três matrizes dimensionais, identificadas por ele, como pilares a serem utilizados na documentação dentro dos museus. São elas:

1. Propriedades físicas dos objetos (descrição física)

a) composição material

b) construção técnica



c) morfologia, subdividida em: forma espacial, dimensões\ estrutura da superfície\ cor\ padrões de cor, imagens\ texto, se existente.

## 2. Função e significado (interpretação)

a) significado principal: significado da função\ significado expressivo (valor emocional).

b) significado secundário: significado simbólico\ significado metafísico

## 3. História

a) gênese: processo de criação no qual ideia e matéria-prima se transformam em num objeto

b) uso: uso inicial, geralmente de acordo com as intenções do criador/ fabricante\ reutilização

c) deterioração, ou marcas do tempo: fatores endógenos\ fatores exógenos

d) conservação, restauração

Ao adentrar nas instituições museológicas o objeto adquire a qualidade de documento, mas para isso o objeto deve ser submetido às etapas documentais, mencionadas acima o caracterizando como documento de valor patrimonial. Segundo Renata Cardozo Padilha:

[...] podemos concluir que o acervo museológico é composto por documentos (peças, objetos, artefatos) que intencionalmente são guardados, pois providos de um valor documental que lhes foi intencionalmente atribuído (SMIT 2011 apud PADILHA, 2014, p.21).

A documentação tem por finalidade comunicar e, para tanto, é preciso que seja feita uma eficaz documentação, do contrário em seu "processo final", as instituições que trabalham com o gerenciamento da informação geraram informações deturpadas descontextualizando o objeto em situação de comunicação.

## 1.2 A documentação como parte do processo de musealização

Como produto do fazer museológico tem-se a musealização dos bens tangíveis e intangíveis. Dentre tais práticas nos ateremos à Documentação, que ao identificarmos como parte integrante desse fazer é ao mesmo tempo parte essencial do processo de musealização. Não colocando em detrimento as outras práticas pertinentes à museografia, a documentação também tem papel importante na gestão de acervos, pois funciona como base para o exercício de ações posteriores.

Os procedimentos de documentação, assim como os de pesquisa, conservação e de comunicação integram a cadeia operatória que caracteriza o processo de musealização. Este processo em última instância visa o gerenciamento e a preservação das referências culturais/bens patrimoniais, a geração e a difusão do conhecimento, por meio de exercícios participativos e críticos, e a potencialização das noções de identidade e pertencimento (BRUNO 1995, apud MENDONÇA, 2012, p. 07).

A musealização está diretamente ligada ao ato de preservar, todavia não se restringe somente a preservação da estrutura física do objeto, mais também ao potencial informativo que o mesmo retém, visando também comunicar. Para tanto, não há como musealizar sem documentar.

Como estratégia de preservação, a musealização aponta, assim, para essas duas direções, objetivando não apenas garantir a integridade física de uma seleção de objetos, mas também promover ações de pesquisa e documentação voltadas à produção, registro e disseminação das informações a eles relacionadas, com vistas à transmissão a gerações futuras. A musealização favorece o acesso de pesquisadores ao objeto, abrindo um campo para diferentes olhares, novas perspectivas de estudo e possibilidades de confronto com outros documentos, textuais ou não textuais, o que favorece a produção de novas informações (SANTOS e LOUREIRO, 2012, p.51).

Musealizar significa potencializar o patrimônio fazendo com que diferentes olhares e perspectivas sejam lançados sobre o documento/objeto musealizado. Dessa forma, torna-se um objeto constantemente pesquisado e com valor informativo cada vez maior. “A musealização não acarreta apenas na comunicação

museológica, ela acarreta uma valorização, uma ênfase sobre certos objetos” (GUARNIERI, 2010, p.125). Assim, documentar é atribuir valor informativo ao objeto, devendo ser entendida como parte do processo de musealização que exerce o papel de base e que contribui de forma significativa para gestão e extroversão do acervo.

### 1.3 Interface entre museologia e arqueologia

Desde os primórdios a museologia e a arqueologia se relacionam por meio do estudo da cultura material e pelo procedimento de salvaguarda e comunicação dos bens. Ambas objetivam entender as diversas relações e fatos sociais através do objeto.

Uma vez que se reconhece a relevância da preservação da cultura material, objeto de estudo da Arqueologia, como testemunho das sociedades que viveram muito antes do presente, se evidencia a necessidade de utilizar técnicas para manter estes materiais o mais próximo possível do estado físico original, e também preservar as informações acerca dos objetos, Assim, a preservação e a conservação se unem à arqueologia para juntas obterem conhecimentos que se perpetuarão (DIAS, 2013, p. 104).

A interdisciplinaridade entre a museologia e a arqueologia muitas vezes se dá no processo de guarda do objeto, mais não somente, pois nem todo artefato arqueológico demanda de um espaço de guarda. Sendo assim, essa relação também pode acontecer *in situ*, pois há artefatos que fora do seu contexto nada comunicam. A relação que deveria ser estreita, por ser tão antiga, muitas vezes se limita a carta de endosso institucional ou projeto de musealização *in situ*. Acerca desse assunto Carlos Alberto Costa explana que:

[...] a relação interdisciplinar entre a museologia e a arqueologia se dá: 1) em decorrência da condição física do objeto arqueológico; 2) em função da natureza diversa e muito especializada dos vestígios arqueológicos; e, por fim, 3) em consequência da obrigatoriedade legal de guarda dos acervos arqueológicos por instituições museais. Ou seja, a relação interdisciplinar entre a museologia e a arqueologia é obrigatoriamente material e ocorre quase exclusivamente no âmbito das instituições culturais formalizadas (COSTA, 2008, s/p).

Há legislações e instâncias que permitem que a interface entre as disciplinas se materialize no procedimento de guarda, fazendo com que essa inter-relação aconteça de forma obrigatória, esse ato que é chamado pelo autor Costa (2008) de relação obrigatoriamente legal.

É válido ressaltar que muito antes da constituição vigente na atualidade, já existiam legislações e normas votadas para esse fim. A Constituição de 1937 traz o Decreto de lei Nº 25 sancionada em 30 de Dezembro de 1937, quando enumera o que é caracterizado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dessa forma, no art. 1º evidencia: constitui o patrimônio histórico e artístico nacional, o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Ainda no artigo 1º nos incisos 1 e 2 os bens móveis e imóveis são condicionados, deixando claro que só farão parte do patrimônio histórico e artístico nacional, após serem inscritos individualmente ou agrupadamente em um dos Livros de Tombo, que no art. 4º dessa mesma lei coloca que o Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), atualmente IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), possuirá quatro livros nos quais serão escritas obras a que se refere no art. 1º. No que concerne ao patrimônio arqueológico, será inscrito no Livro de Tombo na categoria da alínea 1 do segundo capítulo desse mesmo decreto, o qual é intitulado de Livro de Tombo arqueológico, etnográfico e paisagístico. Após esses feitos, os bens móveis e imóveis estarão sob a lei de tombamento e qualquer contrariedade referente aos artigos, alíneas e incisos consequentemente estará sob sanção dessa lei.

Apoiada na constituição federal de 1946, a Lei Federal Nº 3.924 de 26 de Janeiro de 1961 tem enfoque no patrimônio arqueológico, em seu primeiro artigo coloca que, os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, como estabelece o art. 175 da Constituição. Estabelece também, que a propriedade da superfície da terra não inclui a dos bens arqueológicos ou pré-históricos, como também os objetos nela incorporados. A Lei Nº 3.924, delimita quem e como devem ser tratados os objetos

arqueológicos, além de salientar sobre a posse pública da tutela desses bens, deixando claro que a infringência dessa lei dará lugar a penalidades.

Assegurar a proteção/preservação do patrimônio é uma das premissas da museologia, o que nos faz pensar na sua ligação direta com a arqueologia por meio do seu objeto de estudo: os vestígios materiais antrópicos. Segundo Costa (2008), um dos fatores que relaciona a museologia a arqueologia é a obrigatoriedade legal de guarda dos acervos arqueológicos em instituições museológicas. O SPHAN/IPHAN dispendo de suas atribuições concede duas portarias - MinC/SPHAN nº 07/88 e Portaria MinC/IPHAN nº 230/02 – onde respectivamente trata da regulamentação de permissão, autorização e comunicação prévia referente ao desenvolvimento de pesquisas e escavações arqueológicas, visando preservar os objetos de valor científico e cultural localizados nessas pesquisas.

Em se tratando da segunda portaria, corresponde à necessidade de obtenção de licenciamentos ambientais de urgência ou não, por meio de estudos preventivos fornecidos pela arqueologia, objetivando o licenciamento de empreendimentos potencialmente capazes de oferecerem riscos ao patrimônio arqueológico. Para tanto, se faz necessário o cumprimento das etapas estipuladas pelo documento EIA/RIMA (EIA- Estudo de Impacto Ambiental e RIMA- Relatório de Impacto Ambiental) para a obtenção da licença prévia.

A portaria MinC/IPHAN nº 230/02 torna-se revogável em 24 de março de 2015 quando entra em vigor a portaria interministerial nº 60 que estabelece procedimentos administrativos que disciplinam a atuação dos órgãos e entidades da administração pública federal em processos de licenciamento ambiental de competência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA.

Um dia após, tomando por base não somente a portaria de nº 60 entra em vigência a instrução normativa nº 001, de 25 de março de 2015 validando por meio do Minc/IPHAN procedimentos administrativos a serem tratados pelo IPHAN, quando solicitado a se manifestar nos processos de licenciamento ambiental federal, estadual e municipal em razão da existência de intervenção na área de influência direta - AID do empreendimento em bens culturais acautelados em âmbito federal.

Segundo Saladino e Costa (2015) ainda em processo de construção essa normativa provocou descontento por parte da comunidade arqueológica devido a

sua falta de transparência, no que concerne a proteção e gestão do patrimônio arqueológico. Em “25 de março de 2015, foi publicada com praticamente o mesmo conteúdo da cartilha direcionado aos técnicos e largamente contestado pela comunidade arqueológica” (SALADINO, COSTA, 2015, p.179) por terem verificado alguns avanços, mas também retrocessos.

Focando em alguns pontos do gerenciamento do patrimônio arqueológico, aponta como benéfico, a maior ênfase na educação patrimonial em se tratando de licenciamentos e a participação das instituições museológicas na geração de acervo arqueológico.

Nessa mesma perspectiva apontam os retrocessos, com a ausência de definições de protocolos para as instituições de guarda e pesquisa responsáveis pelo endosso institucional, gestão e extroversão das coleções arqueológicas.

Hoje o que temos de certo é que a inserção dessa normativa nos licenciamentos ambientais ainda é muito recente, de maneira a ser difícil mensurar se a sua aplicação se converterá em retrocessos ou avanços para a salvaguarda institucional do patrimônio arqueológico (...) por enquanto tem se demonstrado um instrumento com lacunas fundamentais (...) e extremamente complexo de trabalho (SALADINO, COSTA, 2015, p.183).

“[...] a existência de legislação e portarias do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) para regular pesquisa, coleta e destino institucional destes bens também auxiliaram os museus a se tornarem atores principais no processo de gerenciamento do patrimônio arqueológico” (MENDONÇA, 2012, p.05).

A concessão da tutela do patrimônio arqueológico às instituições museológicas e de cunho museológico vincula materialmente as disciplinas arqueologia e museologia, dessa forma ao endossar acervo arqueológico exige a adoção de práticas museográficas que atendam as necessidades do objeto arqueológico. “Os museus asseguram à referência primária em vários campos. Têm responsabilidades específicas com a sociedade, em consequência da tutela, disponibilidade e interpretação do material contido no seu acervo” (BOYLAN, 2004, p.10-11).

É justamente a forma de atuação dos museus no gerenciamento do patrimônio arqueológico que está em questão, até que ponto esse gerenciamento é

eficaz se não existe a real inter-relação entre as disciplinas? Sabido que essa ilusória relação divide-se em duas etapas, onde a arqueologia salva e a museologia guarda, deixando às claras que não há a participação conjunta das áreas no procedimento de salvaguarda. Alejandra Saladino *et al.* 2013

A divisão do cabido federal da cultura entre o IPHAN e o IBRAM fez com que as instituições, em seus novos modelos institucionais, tateassem na busca de um equilíbrio no que concerne aos limites de suas atuações com relação à gestão do patrimônio arqueológico. Como demonstramos, cabe ao IPHAN na atual conjuntura a tarefa de controlar e fiscalizar os trabalhos arqueológicos em toda a sua cadeia operatória, da pesquisa à extroversão; não é demais ressaltar que as etapas que correspondem à socialização deste legado são mal legisladas e, desta forma, constituem flancos abertos na proteção do patrimônio arqueológico. É justamente nesta ausência que percebemos a necessidade de uma ação incisiva do IBRAM para fazer valer as suas atribuições legais, que correspondem especificamente às etapas de musealização do patrimônio arqueológico (SALADINO *et al.*, 2013, p.114).

Com base nas questões já expostas sobre a estreita e distante relação entre a museologia e a arqueologia. Guarniere (2010) fala que a interdisciplinaridade deve ser método de pesquisa de ação da Museologia e, portanto, o método de trabalho nos museus e cursos de formação de museólogos e funcionários dos museus. Então é necessário que sejam vistas como ciências complementares, do contrário ainda teremos por um longo período deficiências no tratamento de informação de peças arqueológicas.

#### **1.4 Documentação museológica aplicada em acervos arqueológicos**

Ao submetermos um acervo arqueológico aos processos documentais, intuitivamente estamos buscando informações sobre o sistema sociocultural em que estava inserido. Contudo são perceptíveis as mudanças nas etapas documentais, pois o artefato arqueológico oferece informações que levam o pesquisador a adotar medidas que não interfiram na leitura de possíveis informações fornecidas pelo objeto. Yassuda também traz essa abordagem quando diz que:

Nos museus, cada peça do acervo é tratada unitariamente, mesmo que faça parte de uma coleção específica. Além disso, características peculiares à instituição museológica, como o perfil do museu (Histórico, Arqueológico, História Natural, Pedagógico, Antropológico, Artes, etc.) privilegia um tipo específico de informação, onde as leituras serão diferentes, assim como os valores que permeiam essas leituras (YASSUDA, 2009, p. 17).

Dito isso, subentende-se que o processo documental museológico, aplicado mais especificamente em acervos arqueológicos, traz particularidades que estão além de se restringirem ao próprio objeto. O trabalho de campo caracterizado por salvamento já possui uma organização que diferentemente da documentação museológica é pensado coletivamente, pois necessita-se do entendimento de todo contexto arqueológico. Nesse caso, podemos dizer que a documentação de artefatos arqueológicos se inicia em campo. O primeiro procedimento realizado é a coleta/aquisição as quais são realizadas simultaneamente às pesquisas ainda em campo. Todas as informações atreladas ao artefato configuram parte do processo de documentação, pois temos as chamadas estruturas que ao serem deslocadas dos seus lugares de origem, sem os precisos registros das informações ligadas ao objeto perdem seu poder informativo. Acerca deste aspecto, nos demonstra Ana Paula do Rosa Leal:

[...] levando em consideração a etapa da aquisição e partindo do princípio que a maioria das vezes advém da coleta, e lembrando que as informações sobre estas são essenciais na musealização, conclui-se que os dados mais relevantes se fazem presentes no campo, durante a escavação, onde as peças estão relacionadas ao seu contexto. Com base nisto, é necessário que haja um comprometimento em coletar também os dados, pois caso sejam negligenciados, poderão vir a prejudicar o processo de musealização, fazendo com que os museus acabem por lidar com objetos, que nada poderão “dizer sobre si”, e que, portanto, perderão o seu valor comunicativo/educativo (LEAL, 2011, p. 21-22).

Sendo assim, a documentação do objeto arqueológico não se limita somente a sua estrutura, mais abrange o entorno arqueológico em que o objeto integra um determinado contexto, que o liga a conceitos de uma memória social. Portanto, o deslocamento dos artefatos para uma realidade arqueológica que a ele não compete impede a ação completa da museologia, ou seja, de transformá-lo em patrimônio,



fazendo com que a comunidade o entenda como mediador entre passado e presente, evidenciando as relações de poder que permeavam o espaço em que estava inserido tendo consciência de que essas relações refletem no cenário político e sociocultural do presente.

Ao chegarem às instituições os artefatos passam pelo processo de musealização. Para Elizabete de Castro Mendonça (2012) o processo científico que engloba um conjunto de procedimentos vinculados à seleção, aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação têm como objetivo atribuir ao objeto função de documento. “Nesse ponto, fica claro que as técnicas arqueológicas e as museológicas são complementares, tanto para a preservação do acervo como para o estudo e manutenção das informações sobre o mesmo” (BALLARDO, 2013, p. 24). Dessa forma, pode-se afirmar que a junção das disciplinas consegue reunir informações suficientes para se obter uma boa documentação, tendo em vista que documentar acervos arqueológicos é entender a importância do registro de informações antes, durante e pós-atividade de salvaguarda.

No entanto uma das problemáticas em questão é justamente a forma como os artefatos são endossados e quais reflexos esse endosso traz para o processo de documentação realizado pelas instituições de cunho museológico. A proteção dos bens arqueológicos é de responsabilidade da União, portanto através de legislações o IPHAN pode delegar a tutela dos bens a instituições de guarda as quais, como já mencionado anteriormente, muitas vezes a relação museologia e arqueologia não vai além da carta de endosso, o que interfere diretamente na documentação dos artefatos abrigados pelas instituições. Segundo Wichers (2014) os procedimentos de documentação dos acervos desenvolvidos pelas equipes de Arqueologia devem estar em consonância com os critérios da instituição que irão ‘adquirir’ os acervos, criando uma ponte entre documentação arqueológica (gerada em campo e em laboratório) e documentação museológica.

Os procedimentos museológicos de salvaguarda e comunicação possibilitam que o conhecimento produzido pela arqueologia chegue até a sociedade. Porém, a ineficiência desses procedimentos causada pela falta de diálogo entre as disciplinas Museologia e Arqueologia, e por sua vez pela ausência da eficiência da atuação de órgãos como IPHAN e IBRAM, uma vez que compete ao IPHAN a responsabilidade de regular os endossos institucionais e ao IBRAM a responsabilidade sobre as

questões relacionadas ao patrimônio musealizado, cria uma situação que pode acarretar no que Bruno (1999) caracteriza como estratigrafia do abandono. Ribeiro (2014) expõe que:

[...] diversos são os fóruns em que são problematizadas questões acerca do gerenciamento do patrimônio arqueológico e da importância de se aprimorar os procedimentos técnico-científicos de salvaguarda e extroversão dos acervos arqueológicos confiados a museus. Ainda assim, muitas asperezas entre a museologia e a arqueologia precisam ser aplainadas, fato este que gera refluxos como reservas técnicas saturadas, estratégias inadequadas de aquisição de acervos, coleções mal conservadas e documentadas, dentre outras inúmeras enfermidades (RIBEIRO, 2014, p.97).

Cândido (2014) chama atenção para ‘aparente ingenuidade’ dos museus que parecem somente visar os benefícios das verbas que acompanham o depósito das coleções arqueológicas, não se atentando para os custos do ingresso deste montante de peças em suas coleções, da pesquisa interdisciplinar sobre elas e da submissão das coleções por toda a cadeia operatória museológica, ou seja, documentação, conservação, exposição e ação educativo-cultural. Contudo, entende-se que não analisam os custos benefícios trazidos por meio dessa ação.

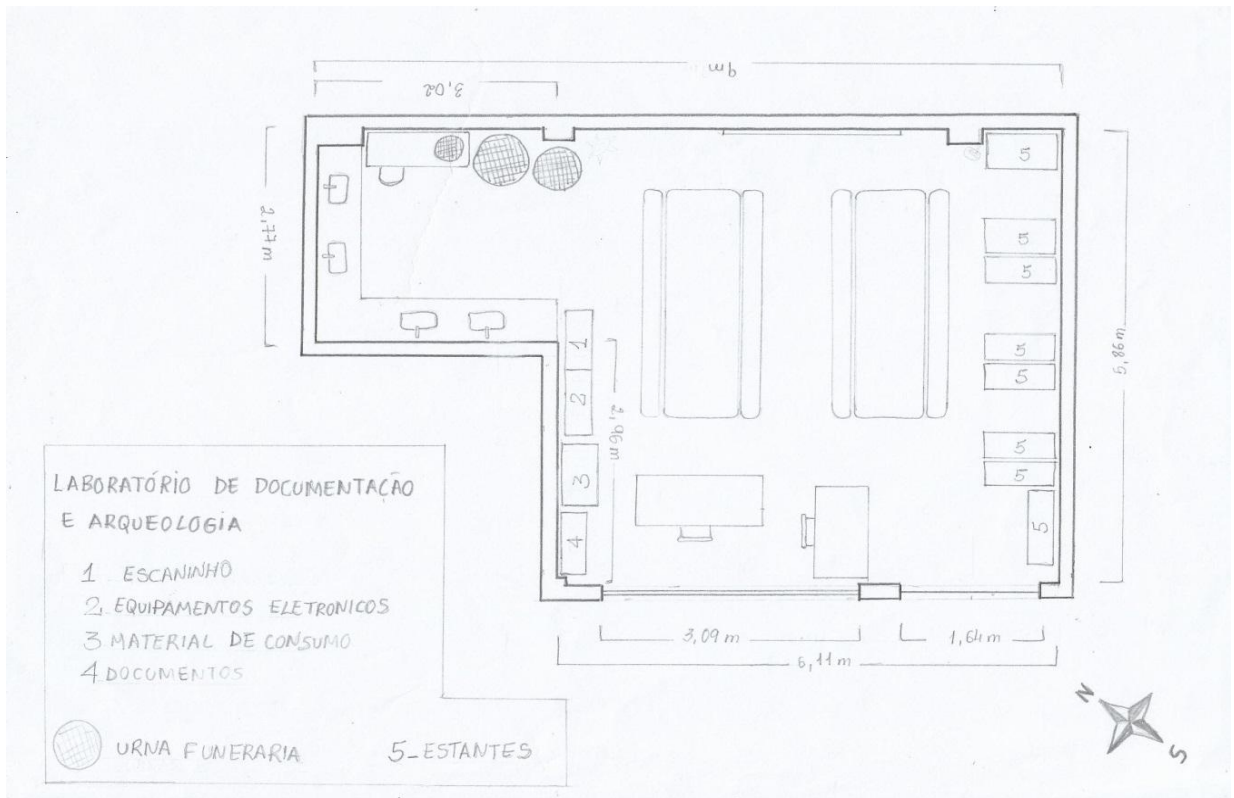
Pode-se perceber que na realidade o que é peculiar na documentação de coleções arqueológicas não são somente os procedimentos museográficos específicos para a gestão desse tipo de acervo, mas também os entraves existentes entre as áreas, os quais precisam ser sanados. Outro impasse são as distribuições de atribuições aos órgãos competentes deixando claro que a gestão da cultura material perpassa pelas duas disciplinas e que devem entender que a elas compete o gerenciamento das evidências materiais.

## **Capítulo 2 - Laboratório de Documentação e Arqueologia (LADA), espaço de cunho museológico**

O presente trabalho é norteado pelo campo da documentação museológica e tem sua aplicabilidade no Laboratório de Documentação e Arqueologia (LADA), visando discutir a aplicação da documentação museológica em acervos arqueológicos. Antes de tudo falaremos sobre as atividades e procedimentos curatoriais exercidos no LADA, pelo grupo de pesquisa, voluntários e bolsistas afim de explicar a denominação de espaço de cunho arqueológico a ele atribuído na presente pesquisa.

### **2.1 Histórico**

Vinculado a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e mais especificamente ao Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL), o Laboratório de Documentação e Arqueologia (LADA) situa-se na Rua 13 de Maio, no anexo ao prédio da Fundação Cultural Hansen na cidade de Cachoeira - BA, onde são realizadas atividades de pesquisas, ensino e extensão. Nessa mesma perspectiva fornece estágios curriculares e voluntários, visa também proporcionar à comunidade acadêmica e externa conhecimentos acerca das práticas museológicas exercidas nesse laboratório, pois tais áreas – museologia e arqueologia – apesar de terem naturezas distintas, dialogam entre si, estabelecendo uma relação de descoberta, ressignificação e preservação de qualquer tipo de acervo exposto a essa interdisciplinaridade.



**Figura 1** - Planta baixa do Laboratório de documentação e arqueologia.

Desenho: Vanderlani Amancio

O Laboratório possui 44,17m<sup>2</sup>, onde estão dispostas oito estantes, sendo 2 com 5 (cinco) prateleiras e 6 com 6 (seis) prateleiras que acomodam em cada uma delas 6 (seis) caixas de polionda em que os artefatos estão acondicionados. As estantes possuem 60 cm de espaçamento entre elas. Há duas mesas, cada uma delas possui dois bancos; duas mesas para computadores com cadeira; quatro armários com funções distintas de guarda, como: escaninho, equipamentos eletrônicos, material de consumo, documentos e produções do laboratório. Há também quatro pias para higienização do acervo em aulas práticas e de pesquisas e duas urnas funerárias que compõe o acervo do laboratório.

Foi criado no ano 2011 por iniciativa dos professores, Carlos Alberto Santos Costa, Fabiana Comerlato e Luydy Abraham Fernandes e inaugurado dia 11 de Maio desse mesmo ano, com o objetivo de para além do ensino, executar trabalhos voltados para pesquisa, preservação e comunicação do patrimônio.

Prezados,  
Na próxima quarta-feira (dia 11) às 16:00 horas iremos comemorar a inauguração oficial do laboratório de documentação e arqueologia.  
Apareça por lá, você será muito bem vindo!  
Saudações arqueológicas,

Grupo de Pesquisas Recôncavo Arqueológico. (COMERLATO, 2011)

Atuando no LADA há o Grupo de Pesquisa Recôncavo Arqueológico que possui três linhas de pesquisa: Arqueologia e Museu, Gestão do Patrimônio Arqueológico e Estudos Cemitériais no Recôncavo. As ações efetuadas pelo LADA/Grupo de Pesquisa ultrapassam as barreiras acadêmicas contribuindo para construção de identidades por meio de projetos de pesquisa que envolvem a academia e a comunidade que o cerca.

Os alunos, estagiários e bolsistas vinculados ao Grupo Recôncavo Arqueológico desenvolvem pesquisas sob a orientação dos professores Fabiana Comerlato (líder), Luydy Abraham Fernandes (vice-líder) e Carlos Alberto Santos Costa (membro), doutores em Arqueologia. Os projetos são elaborados pelos professores e integram os programas de pesquisa como o CNPQ, FAPESB, PIBIC, PIBID e PIBEX dos quais participam alunos bolsistas e voluntários trabalhando com acervos arqueológicos em diferentes linhas de pesquisas voltadas para o tratamento da informação, manutenção da memória e preservação do patrimônio. As coleções arqueológicas que compõem o acervo LADA são oriundas de Endosso Institucional de Arqueologia de Contrato e Arqueologia Acadêmica, que também envolvem discentes em pesquisas voltadas para o tratamento da informação de objetos arqueológicos.

## **2.2 Projetos e atividades desenvolvidos no LADA**

O Grupo de Pesquisa Recôncavo Arqueológico materializa-se no espaço físico do Laboratório de Documentação e Arqueologia através dos projetos e atividades coordenados pelos professores que formam o núcleo de museologia com atividades de pesquisa e extensão voltadas para a interface da Museologia e arqueologia. Pelo menos dez deles já foram concluídos, alguns resultando em produções científicas, os outros cinco encontram-se em andamento.

Além dos projetos e atividades o Grupo Recôncavo Arqueológico/LADA promove anualmente o Seminário de Arqueologia do CAHL/UFRB (SEMA). Já se passaram seis edições com programações compostas por sessões temáticas, oficinas e temas gerais que visam discutir e promover a inter-relação entre as disciplinas, como também divulgar as linhas de pesquisas e os trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisas Recôncavo Arqueológico e LADA para a comunidade, dando ênfase aos discentes do curso de museologia e a comunidade acadêmica do Centro de Artes Humanidades e Letras. Desse modo, alunos e profissionais das duas áreas têm a oportunidade de compartilhar e desfrutar das experiências que essa interface proporciona.

A seguir elegemos um projeto por ano, alguns até mesmo antes da criação do LADA em 2011, e assim, faremos uma breve explanação dos projetos desempenhados pelo Grupo/LADA. A fim de entender a natureza desses projetos, discorreremos também, sobre as atividades executadas nesse espaço expondo quais atividades regem o funcionamento do laboratório.

O primeiro projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa foi o intitulado **‘Mapeamento de sítios Arqueológicos: municípios de Cachoeira e São Félix’** concluído em 2010. Aconteceu sob coordenação do Prof. Luydy Abraham Fernandes e teve como objetivo mapear os sítios arqueológicos dos municípios de Cachoeira e de São Félix. Para tanto, envolveu as comunidades e escolas públicas estaduais locais e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia\Centro de Artes Humanidades Letras (UFRB\CAHL). O corpo docente (coordenador e vice-coordenador do projeto) e discente do CAHL, envolvidos no projeto, junto aos alunos do ensino médio da rede pública estadual, atuaram na sensibilização das comunidades rurais e urbanas desses municípios. A potencialização do conhecimento dos alunos e professores da rede estadual os posicionou como mediadores na interação com as suas respectivas comunidades, assim possibilitando a identificação e localização dos sítios situados nessas localidades. Como produto dessa ação foi produzido uma ‘Cartilha Didática - Mapeamento Arqueológico: Cachoeira e São Félix’.

Temos também concluído em 2010 o projeto **‘Arqueologia em tela: “O cinema como recurso didático”**’, coordenado pelo Prof<sup>a</sup> Fabiana Comerlato, objetivou proporcionar aos diversos públicos (comunidade, escolas e associações

sociais e culturais, alunos de graduação e pós - graduação da UFRB) por meio da exibição de filmes documentários de Arqueologia, o conhecimento de forma lúdica.

Finalizado em 2012 o projeto '**Contextos arqueológicos e marcos temporais nos grafismos rupestres da Chapada Diamantina: análises laboratoriais das coleções derivadas dos sítios Toca da Figura e Toca do Pepino**, sob coordenação do Professor Carlos Alberto Santos Costa o projeto é uma proposta de análise de parte do acervo gerado nesse salvamento, que sob guarda da UFRB passarão por processos laboratoriais, para que assim possa dar continuidade lógica a atividade de campo. É válido ressaltar que na primeira fase o projeto foi concluído entre os anos de 2009 e 2010 envolvendo o Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica da UFBA do qual integram professores da UFRB, coordenado pelo professor Carlos Echevarne, financiado pelo FAPESB. Foram escavados quatro sítios Toca da Figura, Toca do Pepino, Toca do Bexiguenta e Toca da Onça.

Em 2013 há projetos finalizados, mas com certeza projetos em andamento, em contrapartida em 2014 temos a conclusão do **projeto Intervenções Aratu x Tupi no Oeste da Bahia, coordenado pelo prof. Luydy Abraham Fernandes**. Este projeto abordou a semelhança da indústria lítica lascados sítios de Tradição Aratu (Praça Piragiba–PP e Roça do Esperidião–RE) e no sítio de Tradição Tupi (Zé Peto–ZP), além de tratar dos restos ósseos de sítios no vale do córrego Santana, Muquém do São Francisco BA. Notaram que os sítios PP e ZP são próximos 20min, porém estratigraficamente afastados 400 anos (PP870AP e ZP 450AP). A suposição da recuperação das lâminas de machado do sítio PP pelos habitantes sítio ZP levou a aplicarem no sítio ZP o mesmo método de análise tecnológica utilizado no sítio PP para obtenção do título de doutorado do Professor Luydy Fernandes. Para tanto escavou o sítio ZP a fim de estudar a indústria lítica Tupi seguindo os métodos utilizados no sítio PP. No sítio RE não houve nenhum trabalho, pois suas lâminas de machado equivalem às do sítio PP. Coletaram uma série para comparações e escavaram para obterem elementos da cadeia operatória.

Concluído em 2015 o projeto de "**Estudos dos cemitérios das Santas Casas de Misericórdia do Recôncavo Sul da Bahia**" coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Fabiana Comerlato, teve como objetivo identificar os cemitérios construídos pelas Santas Casas de Misericórdia do Recôncavo sul da Bahia através da construção de um banco de dados, e por meio deste, analisar os dados coletados e diagnosticar os

problemas de conservação atuando na proteção deste patrimônio e contribuindo para um amplo conhecimento da história cemiterial do Recôncavo Sul da Bahia e proporcionando um novo olhar da sociedade perante os bens culturais.

Por ano são realizados no mínimo três projetos em virtude da constante atuação dos três professores envolvidos com o grupo de pesquisa. Então para melhor sintetizar os projetos desenvolvidos a tabela em apêndice A traz de maneira sucinta todos os projetos desenvolvidos, a sua atual situação e seus respectivos produtos. Todos os projetos e resumos descritos encontram-se no site do grupo Recôncavo arqueológico. Site: <http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/>.

A realização simultânea desses projetos nos traz a percepção de que há a ativa mobilização do grupo, envolvendo professores e alunos trabalhando em diferentes linhas de pesquisa com objeto e objetivos diferentes, coordenados por professores em suas respectivas linhas.

Após informar sobre os projetos de pesquisa e extensão, vamos às ações de ensino e extensão realizadas no espaço físico do LADA. As disciplinas de Informação e Documentação Museológica, e Introdução à Arqueologia, que integram a grade de ensino do curso de Museologia são ministradas nesse espaço, sendo as duas disciplinas que equilibram a carga horária entre a prática e a teoria, pondo os discentes em contato direto com o acervo, inclusive o arqueológico, permitindo que os futuros museólogos entendam empiricamente como gerir esse tipo de acervo. Sendo a segunda disciplina com conteúdo programático que vai desde o salvamento, as práticas realizadas em sítios arqueológicos e endosso institucional - parte teórica – até o tratamento adequado a esse tipo de acervo.

Os trabalhos de arqueologia acadêmica e de contrato em parceria com o laboratório rendem uma quantidade significativa de acervo. Atualmente temos 241 caixas, resultado dos 88 sítios incluindo as ocorrências. Para tratar esses artefatos o LADA dispõe de estágios curriculares, voluntários e bolsistas. Os estagiários curriculares têm rotatividades de seis meses, que podem se prolongar e integrar ao grupo de pesquisa se assim tiverem interesse. Os integrantes do grupo de pesquisa também trabalham no gerenciamento desses acervos que consiste em práticas museográficas, termo definido por Marília Xavier Cury como “toda a práxis da instituição museu, compreendendo administração, avaliação e parte do processo curatorial (aquisição, salvaguarda e comunicação)” (CURY, 2009, p.273).



Tomando por base a sequência do processo curatorial apresentado acima por Cury (2009) a política de aquisição adotada pelo LADA, que ainda não foi formalmente definida, atende a necessidade tipológica de estudos por ele desenvolvido, ou seja, as aquisições são pertinentes aos artefatos relacionados a parcerias institucionais e a pesquisas lideradas pelos professores.

Primeiramente se referindo à arqueologia de contrato, temos um total de sete Projetos: 'Projeto de Duplicação da Rodovia BA. 093', 'Rodovia BA. 148', 'Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial da Estrada de ligação entre Barcelos e BA-001', 'Programa de salvamento arqueológico e educação patrimonial em duas áreas do projeto de duplicação do contorno sul de Feira de Santana e da BR-116/BA (km 425+800 ao km 495+500)', 'Prospecção e salvamento arqueológico do trecho i da It ute mc2 Dias d'ávila i e do trecho ii da It ute mc2 Catú', 'Diagnóstico e prospecção arqueológica nas áreas 3 e 5 do parque eólico Sento Sé / Umburanas', 'Programa de prospecção, monitoramento, salvamento arqueológico e educação patrimonial na área da fazenda bananal - Município de Luís Eduardo Magalhães'. Somente a junção dos sítios desses projetos corresponde ao endosso de 51(Cinquenta e um) sítios, além de mais 6 (seis) sítios de ocorrências.

Projeto	Coordenador	sítio	Qtd
Duplicação da Rodovia BA-093	Carlos Alberto Santos Costa	Simões Filho 1. Simões Filho 2. Simões Filho 3	3
BA. 148 (Trecho Abaíra Jussiape	Fabiana Comerlato	Água Suja 1; Água Suja 2; Cabeça de Boi 1; Cabeça de Boi 2; Cabeça de Boi 3; Cabeça de Boi 4; Fazenda Babilônia 1; Fazenda Babilônia 2; Fazenda Babilônia 3; Fazenda Babilônia 4; Fazenda Laranjo; Fazenda Limeira, Ibicoara; KM 01; KM 02; KM 03; KM 04; KM 05; KM 06; KM 07; KM 08; Laje 1; Laje 2; Sítio Novo.	24
Programa de salvamento Arqueológico e educação Patrimonial da estrada de ligação entre Barcelos e a BA-001	Henry Luydy Abraham Fernandes	Alteza, Pedra Rasa 4; Jaqueira; Passarinho, Mariana, Queijo, Barcelos 1, Barcelos 2; Barcelos 3; Barcelos 4	10
Programa de salvamento arqueológico e educação patrimonial em duas áreas do projeto de duplicação do contorno sul de feira de Santana e da BR-116/BA (km 425+800 ao km 495+500)	Henry Luydy Abraham Fernandes	Fazenda Murta; Santo Estevão	2
Prospecção e salvamento arqueológico do trecho I da Itute MC2 Dias d'Ávila I e do trecho II da Itute MC2 Catú	Henry Luydy Abraham Fernandes	Bertim	1
Diagnóstico e prospecção arqueológica nas áreas 3 e 5 do Parque Eólico Sento Sé / Umburanas	Carlos Etchevarne	Sento Sé	1
Programa de Prospecção, Monitoramento, Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área da Fazenda Bananal - Município de Luís Eduardo Magalhães	Henry Luydy Abraham Fernandes	.E.M- BA (Muriçoca 4; Muriçoca 5; Muriçoca 9; Muriçoca I; Muriçoca II; Muriçoca III; Muriçoca 6; Muriçoca 7; Muriçoca 8)	10

Figura 2 - Tabela de Sítios de Arqueologia Contrato

A tipologia dos objetos salvaguardados é diversa. São eles: tijolos maciços, cerâmica modelada, faiança fina, cerâmica de torno simples e vidrada, faiança portuguesa, cachimbo roletado, moeda, vasilhames, garrafas de vidro, cerâmica roletada, grés, ossos, dentre outros. Esses artefatos coletados são submetidos ao padrão da documentação adotado pelo LADA. O relatório da BA. 001 especificamente menciona que:

[...] todos os 6.084 artefatos recolhidos foram processados de acordo com as normas adotadas pelo Laboratório de Documentação e Arqueologia do Centro de Artes Humanidades e Letras, cuja marcação individual registra uma sigla composta por duas letras maiúsculas seguidas da numeração sequencial do objeto. Ensacadas

individualmente e arroladas a partir de sua origem nas escavações (...) acomodados em caixas plásticas do tipo arquivo morto no citado laboratório (COSTA, 2012, s/p)

Agora se tratando da Arqueologia acadêmica, temos salvaguardado no LADA 33 (trinta e três) sítios arqueológicos, estes com duas tipologias de artefatos: lítico e cerâmico. Dentre eles temos o sítio Piragiba, nosso objeto de estudo de caso, composto por artefatos líticos e cerâmicos configura o maior sítio sob guarda do laboratório, pois totaliza aproximadamente 10.000 peças. Todos os artefatos estudados são achados arqueológicos coletados na região do Recôncavo, Oeste e Sudoeste da Bahia.

Coordenador	Sítio	Qtd
Henry Luydy Abraham Fernandes	Vale verde 1; Vale verde 2; Mucambinho; Miudinha; Água Vermelha; Terra Vermelha; Quebrada; Roça do Zé Preto; Reitoria; Malhador; Poço do Bichos; Sítio do Vau; Museu Casa Hansen; Roça do Esperidião; Vai Quem Quer; Seriema; Abdias; Peu; Zirô; Boqueirão; Diu; Topo da Serra; Coité e Santo Antônio; Zé Pretinho, Areias, Morro do Lajeado e Piragiba	28
Fabiana Comerlato	Casa Nº 25; Seminário de Belém; Terreiro Sejã Mundê; Tapera da Ponte 1; Tapera da Ponte 2.	5

**Figura 3 -** Tabela de sítios de Arqueologia acadêmica

Com a finalidade voltada para a pesquisa todos esses artefatos são expostos aos procedimentos museológicos como: triagem, higienização, marcação, análise/pesquisa, acondicionamento. Todas essas ações têm como objetivo documentar as coleções para que estejam em situação de comunicar.

Em se tratando de comunicar, como já foi dito, o Grupo Recôncavo Arqueológico promove periodicamente o SEMA - atividade de extensão - atendendo justamente a essa finalidade. A título de ilustração veja o que diz a Prof.<sup>a</sup> Fabiana Comerlato no V SEMA

[...] este evento tem sido o principal canal de divulgação e socialização das atividades de ensino, pesquisa extensão dos integrantes do Grupo de pesquisa Recôncavo Arqueológico (...). No primeiro ano, o arqueólogo do IPHAN, Alex Colpas, falou sobre a Arqueologia e Preservação do Patrimônio, no segundo ano, tivemos a presença do arqueólogo Samuel Goldstein, do PPGA/UFBA, que discorreu sobre a Arqueologia das populações de origens africana no Brasil através de um estudo de caso no centro histórico de Salvador. No terceiro ano, o Prof. Carlos Etchevame, arqueólogo da UFBA, trouxe uma retrospectiva da arqueologia do recôncavo. No ano passado, na quarta versão do seminário a temática foi a Arqueologia na Dimensão da Educação Patrimonial. desenvolvida pelo museólogo e diretor do Instituto Júlio César Mello de Oliveira, Alvandyr Bezerra. Neste ano, teremos a importante contribuição da restauradora do MAE/UFBA Mara Lúcia Carret de Vasconcelos que irá nos levar pelos caminhos da arqueologia e conservação preventiva” (informação verbal)<sup>1</sup>.

O sexto SEMA aconteceu em 30 de Abril de 2015 e teve como tema principal a Arqueologia urbana e contou com a arqueóloga Jeane Dias Almeida, palestrando sobre sua dissertação de mestrado: 'Aquis Urbis: Um estudo de salubridade no centro histórico de Salvador, a fala da Prof<sup>a</sup> Fabiana Comerlato que também é líder do grupo de pesquisa explicita a real intenção da promoção do evento e evidencia também a multiplicidade de temas debatidos relacionados à arqueologia abarcando também a museologia.

Outra frequente ação realizada é a Visita mediada aos cemitérios de Cachoeira, que funciona como forma de divulgar as informações adquiridas por meio das pesquisas realizadas nessa linha, objetivando expor à comunidade local o cemitério como espaço de memória. O laboratório também está aberto à visita, que acontecem mediante agendamento realizado através do e-mail do grupo de pesquisa. Com tudo, conclui-se que o LADA utiliza-se da interface entre a Museologia e Arqueologia no desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa, extensão.

---

<sup>1</sup> Informação fornecida por Fabiana Comerlato na abertura do V SEMA

### 2.3. LADA enquanto espaço de cunho museológico

Após um breve histórico e exposição dos projetos e atividades desenvolvidos no espaço a ser trabalhado se faz necessário trazer a definição de museu afim de explicar o fato de estarmos nos referindo ao LADA como espaço de cunho museológico, já que tem enquanto objetivo inicial uma educação formal direcionada para graduação. Cabe nos perguntar o que seja um espaço museológico e de que forma se aplica a denominação espaço de cunho museológico ao laboratório. Para tanto, a definição de museu responde em parte essa indagação.

De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento ([www.museus.gov.br](http://www.museus.gov.br)).

Em vias legais o Laboratório de Documentação e Arqueologia não se enquadra nos processos burocráticos que compete a um museu. Porém, pensando nessa definição de museu utilizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), e logo direcionando os nossos olhares para práticas realizadas no LADA, começamos a entender o espaço LADA como lugar que fomenta as características de museu elencadas nessa definição.

De acordo com Junior e Chagas (2006), o museu vem assumindo outro papel, não mais apenas espaços que guardam vestígios do passado, mas são práticas sociais que se desenvolvem no presente e que estão envolvidas com criação, comunicação, afirmação de identidades, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais. “A existência de acervo e a prática da visita é o que caracteriza a instituição no campo museal. Nela deve se desenvolver a relação específica do homem: sujeito, com o objeto: bem cultural” ([www.cosem.cultura.pr.gov.br](http://www.cosem.cultura.pr.gov.br)).

O museu, assim como a instituição formal de ensino exerce papel importante na educação, mas para tanto está “Pautado nos princípios da educação não-formal, que entende a educação enquanto processo e privilegia o desenvolvimento do ser

humano ao longo da vida” (FIGURELLI, 2011, p.120). o museu utiliza-se de ações educativas para evidenciar seu papel social e educativo. Jacobucci (2008) conceitua:

O espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É a escola, com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório (JACOBUCCI, 2008, p.56).

Mediante tais definições podemos afirmar e reconhecer o LADA como um espaço de cunho museológico que apesar de estar vinculado a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e assim ser um espaço de instituição formal de ensino, promove não somente a educação formal mais também a educação não formal, uma vez que incorpora exercícios museológicos.

Ao desempenhar práticas museológicas o LADA também adquiriu problemas que são realidades dessas instituições, a exemplo da superlotação de reservas técnicas. No caso do laboratório o espaço de guarda também é utilizado para realização de pesquisas e aulas que são a sua finalidade. A aquisição de acervos para guarda e desempenho de pesquisas fica cada vez mais inviável, pois seu espaço físico divide-se em reserva técnica e ambiente de aulas.

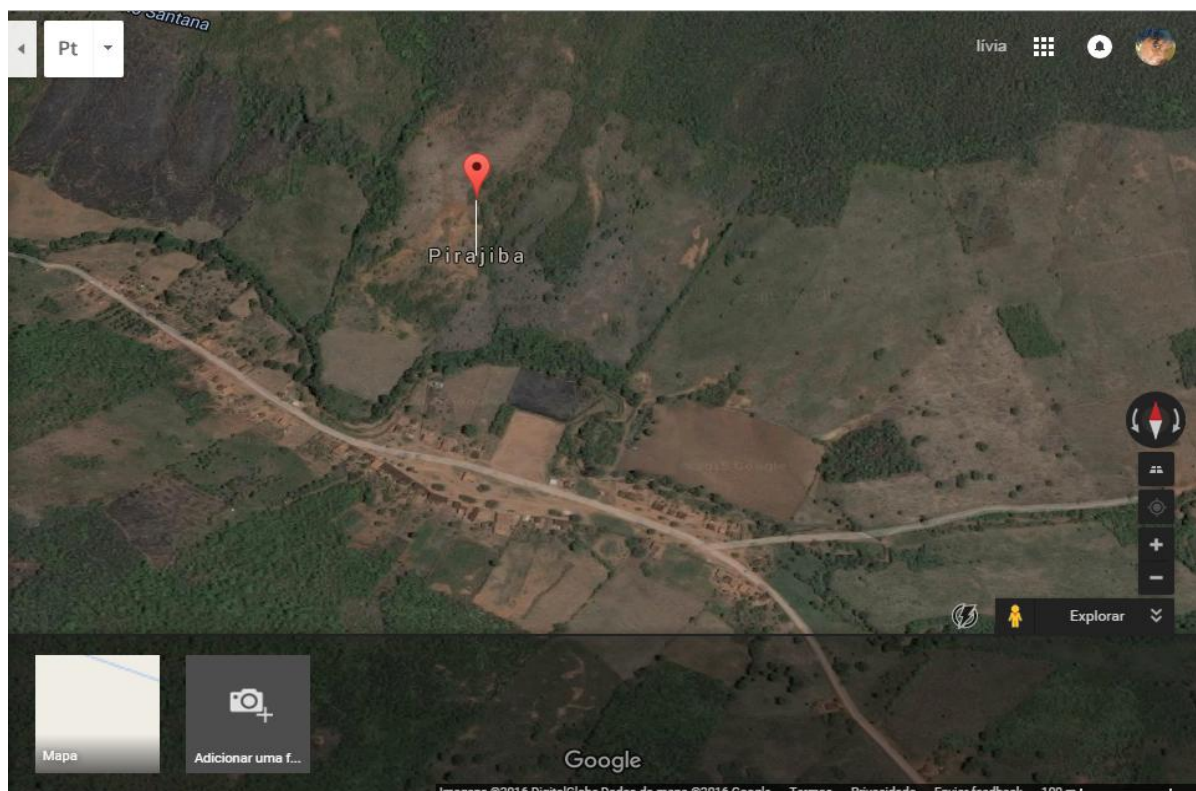
A seguir nos atemos à documentação museológica aplicada em acervo arqueológico realizada no Laboratório.

## Capítulo 3 – Documentação museológica e a coleção de artefatos líticos do sítio Pirajiba: um estudo de caso

Partindo do pressuposto de que a documentação é parte integrante do processo de musealização elegemos a coleção de artefatos líticos do sítio Pirajiba, salvaguardado no LADA, para abordar de forma teórica e prática de que maneira acontece a documentação museológica realizada pelo LADA, demonstrando as peculiaridades de se trabalhar com documentação e extroversão de acervos arqueológicos.

### 3.1 Histórico do Sítio

Mapa de localização do sítio Pirajiba



**Figura 4** – Imagem área da Vila Pirajiba.

<https://www.google.com.br/maps/place/Pirajiba>. Acesso em 09 dez 2016.

O sítio Piragiba da Tradição Arqueológica ceramista Aratu, contexto do nosso objeto de estudo, localiza-se no município de Muquém do São Francisco no Oeste da Bahia Escavado inicialmente de 1996 a 1997(...); a extensão da área ocupada é de (350.000m)<sup>2</sup>; ( FERNANDES,2011, p.240). O site do Grupo de pesquisa Bahia Arqueológica informa que:

Por volta dos anos de 1970, uma grande cheia do riacho que passa pela vila de Piragiba faz surgir uma imensa quantidade de urnas funerárias indígenas antigas. Em 1992, uma equipe de arqueólogos da Universidade Federal da Bahia é acionada para examinar os achados. Surgem daí descobertas sobre a história da vila, sobre as antigas ocupações humanas na região, bem como sobre o cotidiano dos moradores de Piragiba. A proximidade dos trabalhos arqueológicos com o cotidiano da vila foi um dos desafios da pesquisa e um dos principais elementos da descoberta. Toda a vila foi transformada em um imenso palco de pesquisa arqueológica ([www.bahiaarqueologica.ufba.br](http://www.bahiaarqueologica.ufba.br)).

As intervenções estratigráficas realizadas no sítio aconteceram por meio do 'Projeto Piragiba: uma proposta de ação integrada' financiado pelo Centro de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia - CADCT/SEPLANTEC, sob coordenação do Prof.Dr. Carlos Alberto Etchevarne, que contou com uma equipe de campo "composta (...) por um sub-coordenador, mestre em arqueologia, (...) e por cinco bolsistas de graduação da Universidade Federal da Bahia, sendo três do curso de Museologia, uma de Ciências Sociais e outro de Desenho e Plástica" (FERNANDES, 2003, p.139).

O Prof. Dr. Luydy Abraham Fernandes, orientador da presente pesquisa integrou a equipe fazendo parte do grupo de bolsistas de museologia. Anos mais tarde, como desdobramento desse trabalho inicial, utilizou os vestígios materiais desse sítio como objeto de estudo no desenvolvimento de seu mestrado e tese para obtenção da qualificação de Mestre e de Doutor, respectivamente intituladas de 'Os sepultamentos do sítio Aratu de Piragiba – Bahia e As lâminas de machado lascadas Aratu de Piragiba – BA.

Os 19 anos de intervenções na Vila Piragiba resultaram no ano de 2014 na produção audiovisual: 'Piragiba: escavando uma história' que conta a trajetória das pesquisas arqueológicas efetuadas no sítio, e como o trabalho de Arqueologia pode



despertar em comunidades como Piragiba o sentimento de pertencimento, em virtude de contínuas pesquisas referente à indústria lítica e cerâmica nesse mesmo sítio, todo o acervo lítico analisado na pesquisa de doutoramento de Luydy Abraham Fernandes, encontra-se salvaguardado no LADA. A mais recente campanha aconteceu em outubro/novembro de 2015.

É necessário explanar que a maior parte do salvamento foi feito por coleta de superfície. “foi impossível deixar de perceber a grande quantidade de instrumentos lascados e restos brutos de debitação dispersos sobre o chão daquela pequena vila do Oeste da Bahia (...)”. (FERNANDES, 2011, p.02).

### **3.2 Do campo ao Laboratório**

Estando consciente de que a documentação de artefatos arqueológicos se inicia em campo, ou seja, que todos os apontamentos feitos ainda em sítio também constituirão a documentação realizada em laboratório, deverá ser eficaz o registro de informações, pois o objeto sozinho não dispõe de informações que o relacione sócio-culturalmente com o seu contexto, dificultando a sua reinserção social.

Mediante ao que foi exposto cabe aqui demonstrar quais registros no momento de salvamento dos artefatos líticos do sítio Piragiba são feitos ainda em campo. A primeira coleta de vestígios líticos no sítio efetuou-se da seguinte forma, como descreve Luydy Abraham Fernandes:

[...] de duas formas: aquela dirigida e executada pela equipe nas superfícies perturbadas pela erosão pluvial/fluviol na praça e nos quintais afetados pela ação humana de cultivos agrícolas; aquela feita pelos moradores antes do início das pesquisas de campo. (...) Apesar disso, a coleta não foi sistemática, sendo mais amostral e de salvamento dos objetos em risco (FERNANDES, 2011, p. 71)

Ainda hoje as campanhas são realizadas por meio de coleta de superfície. O acondicionamento é feito ainda em sítio, visando não prejudicar as análises morfotécnicas e de macrotraços dos instrumentos lascados e lascas que

possuem maior fragilidade ou evidência de marcas de uso. Tais peças são envoltas individualmente em papel higiênico para impedir maior atrito entre elas.

A grande área do sítio Piragiba possui subdivisões sendo elas: Praça Piragiba, Quintal de Dona Minda, Quintal de Dona Lerina e campo de futebol. Sendo assim todos os artefatos que corresponde à mesma localização são acondicionados em sacos plásticos em que recebem uma identificação referente a essas localizações, após são postas em caixas plásticas para o transporte até ao laboratório.

Todo acervo do sítio Piragiba antes da criação do LADA encontrava-se salvaguardado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA), mas foi transferido para o LADA em virtude dos estudos realizados no sítio por Luydy Abraham Fernandes, e também em consequência de estar lotado no CAHL/UFRB, atuando como professor adjunto do Colegiado de Museologia e utilizar o LADA como espaço para desenvolvimento de suas pesquisas.

### **3.2.1 Normas de procedimentos curatoriais adotadas pelo LADA**

Chegando ao LADA é necessário que as coleções oriundas de arqueologia de contrato e acadêmica atendam ao padrão de organização e procedimentos adotado para assim integrar o acervo do laboratório.

Devendo seguir uma marcação bipartida separada por um ponto, utilizando duas letras maiúsculas seguidas de uma numeração sequencial. As letras referem-se à denominação de cada sítio, por isso recebem letras diferentes. A numeração se reinicia a cada coleção, o que permite singularizar qualquer peça assim marcada, mesmo fora do seu conjunto.

Esse tipo de marcação é pertinente ao acervo como o do LADA, caracterizado como aberto, em razão do contínuo crescimento. Possibilita agregá-los as suas respectivas coleções sem que haja problemas na documentação. Também, devem ser enroladas a partir do sítio de origem, ensacadas individualmente em sacos transparentes e acondicionadas por coleção em caixas polionda (caixa arquivo).

### 3.2.2 O processo curatorial e as especificidades dos artefatos

Na tentativa de demonstrar a documentação museológica realizada no LADA através dos artefatos líticos do sítio Piragiba, nos deparamos com o fato da variedade tipológica de acervos que compõe o laboratório.

Atentos a essa realidade, nesse momento, o intuito é explicar, que o material constitutivo e as diferentes abordagens feitas pelos pesquisadores objetivando estudar os artefatos, interferem diretamente no procedimento curatorial em que essas peças são expostas.

Com um acervo composto por cerâmica, faiança portuguesa, faiança fina, grés, contas, lítico, vidro, osso, moeda, tijolos e ladrilhos hidráulicos é perceptível a adoção de tratamento curatorial específico para as tipologias, pois além das características peculiares que vão desde a sua composição a confecção, leva-se em consideração a inércia do microclima em que o objeto se encontrava em seu contexto de origem.

Chegando ao laboratório os artefatos são separados por sítios seguindo a organização do campo, nessa mesma sistematização são higienizados, marcados e acondicionados.

A classe de material como cerâmica, faiança, lítico, moeda, tijolo e ladrilho são higienizados com água e o auxílio de uma escova de dente de cerdas macias e peneiras em casos de fragmentos muito pequenos. Porém, estes assim como o material ósseo podem ser higienizados apenas com trincha para a leve retirada de sujidades, pois o atual estado físico de cada artefato, exceto lítico por sua maior resistência, e o ambiente em que se encontra estabilizado condiciona a higienização, podendo levar a deterioração das peças se submetidos aos mesmos procedimentos.

Na marcação todos os aspectos são analisados, pois cogita-se como e onde será feita ou até mesmo se será feita. Nas cerâmicas, faianças e ladrilhos, observam-se as decorações como pinturas, tratamentos de superfície e técnicas de decoração competente a cada classe de material, marcando em lugares que menos interfiram nas análises. Com os vidros, tijolos e moedas analisa-se também qualquer

tipo de decoração e tratamento dado ao artefato e informações intrínsecas, marcando em partes que não comprometam estudos acerca destes objetos e que não interfiram na extroversão

No caso da coleção Piragiba, Luydy Abraham Fernandes direciona seus estudos para indústria lítica lascada em análises morfotecnológicas, formação de macrotraços pelo uso e acidentes de lascamento e produção Fernandes (2011; 2011, 2012, 2014). São observados todos esses estigmas para realização do gerenciamento da informação.

### **3.2.3. Documentação museológica e a coleção Piragiba**

Nosso primeiro contato com a coleção Piragiba se deu em 2014 por meio do estágio curricular desenvolvido no LADA, apoiado na área da documentação museológica, trabalhando na identificação, triagem, arrolamento e organização do acervo lítico e cerâmico da Tradição Aratu. As características mencionadas no último parágrafo do subcapítulo anterior despertaram-nos o interesse em utilizá-la para demonstrar a documentação realizada no LADA. Portanto, a seguir mostramos as metodologias utilizadas para o desenvolvimento dessa documentação.

A conferência foi o início do processo de documentação do acervo e resumiu-se em verificar a existência de todas as peças anteriormente marcadas e transferidas para o laboratório. Abriu-se caixa por caixa e dispondendo-as separadamente sobre as bancadas, percebendo a presença de dois tipos de marcação:

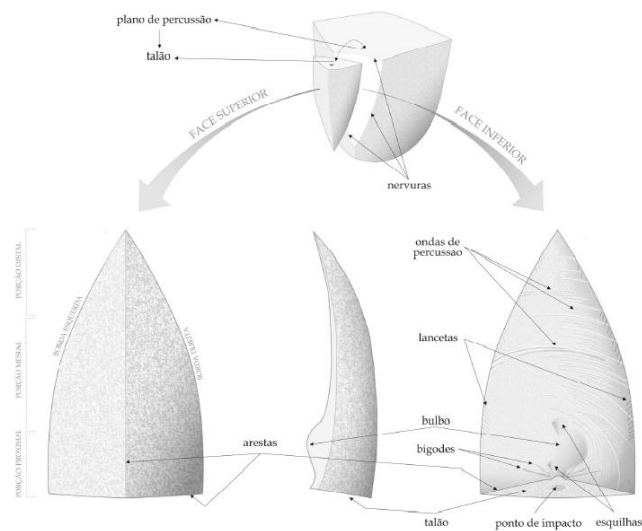
A que chamamos de marcação antiga – PG. PR.I + numeração sequencial, para esta, utilizamos uma ficha de arrolamento com os seguintes campos : Nº Antigo, Município, Sítio, Local e Observação e a atual PP+ numeração seqüencial que é o resultado da modificação da marcação anterior para simplificar e melhor adequar esse tipo de acervo, para tanto utilizamos uma ficha de arrolamento com campos como: numeração, município, sítio, local, caixa e observação, realizou-se a conferência/triagem com preenchimento dessas fichas. A organização do acondicionamento seguiu a sequência de numeração das peças.

Concomitantemente, aplicaram-se procedimentos curatoriais nas peças da campanha de 2014. Ao chegarem foram todas higienizadas em água corrente com movimentos leves e circulares, com o suporte de uma escova de dente ou mesmo os dedos. A clareza da água é um dos indícios de que a peça está limpa e pode ser posta para secagem sobre um jornal e em cima das bancadas acopladas a pia de lavar. No dia seguinte todas as peças eram viradas para que pudessem secar uniformemente e assim estarem prontas para a marcação.



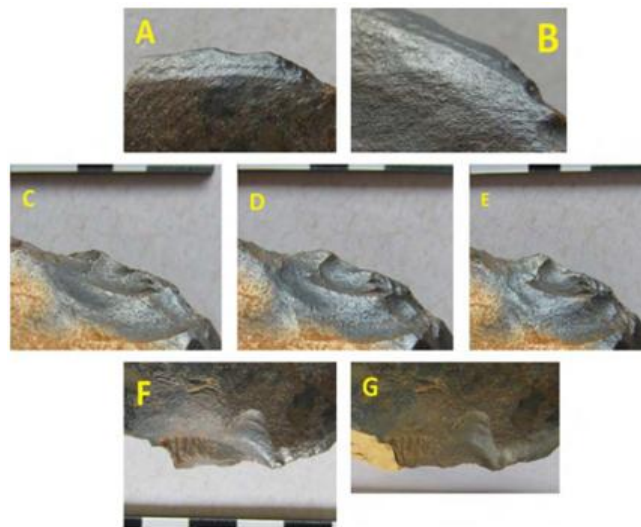
**Figura 5** – Higienização de acervo lítico.  
Foto: George Silva

Para marcar artefatos líticos é necessário um entendimento prévio sobre a indústria lítica, que autores como Emílio Fogaça e André Prous introduzem muito bem. Assim discernir forma, ponto de percussão, talão, bulbo, brilho, embotamento, estria, córtex, são premissas para realizar a marcação de peças líticas no LADA. A ausência dessa compreensão pode tornar o ato de marcar uma ação destrutiva ao potencial informativo desse tipo de artefato.



**Figura 6** - Termos para identificação de estigmas de lascamento.

Fonte: FOGAÇA, 2010, p.08



**Figura 7** – Estigmas de uso (A e B) Embotamento, brilho e estrias, face inferior, canto esquerdo, gume para cima e inclinado. (C, D, E) Embotamento e brilho sob variação na intensidade e ângulo da luz: face superior, canto direito, gume para cima. (F e G) Embotamento e brilho parcial em negativo inverso sob variação da luz: face inferior, centro do gume voltado para baixo.

Fotos: Luydy Fernandes. (FERNADES e NASCIMENTO, 2015, p.84).

Compreendidas tais características verificou-se nas peças todas elas, e marcou-se em lugar que não danificasse a leitura dessas informações; então, passou-se a base (primeira camada de esmalte incolor) em todas as peças, deixando secar por vinte e quatro horas. Essa coleção recebeu uma sigla PP mais a numeração sequencial de acordo com as normas de marcação adotada pelo LADA.

A aplicação da numeração é feita com caneta nanquim nº01, ou uma pena com ponta de ferro e tinta nanquim branca em casos de peças escuras. Nas peças muito pequenas a marcação foi feita em pequenas etiquetas de papel e postas dentro do mesmo saquinho em que a mesma foi acondicionada. Após esse procedimento ficaram secando por mais vinte e quatro horas e estavam prontas para última etapa da marcação que consiste na aplicação de verniz (segunda camada de esmalte incolor) para fixação da marcação.



**Figura 8** - Marcação com caneta nanquim nº 1.

Foto: Naiara Santana.



**Figura 9** – Marcação com pena.

Foto: Dinalva Pereira.

Feita a marcação, arrolou-se todas as peças utilizando uma ficha de arrolamento com os mesmos campos da primeira (Nº da peça, Município, Sítio, Local, Ano da coleta e observação), pois compete a mesma coleção. Os campos foram preenchidos objetivando informar a origem, o quantitativo e localização das peças dispostas no laboratório. Após todas as fichas foram digitadas e armazenadas no computador do laboratório.



**Figura 10** - Arrolamento do acervo.

Foto: Eliene Lima.

Em seguida foram acondicionadas individualmente, o que equivale a utilização de sacos plásticos de diversos tamanhos visando acomodar melhor as peças de diferentes dimensões, cada saco acondicionou uma única peça e recebeu na borda uma etiqueta com a mesma sigla e número do artefato que acondicionou, pois facilita o achamento de peças menores. Depois foram postos dentro de caixas polionda, identificadas com etiquetas com o nome do sítio e o intervalo de marcação. Depois todas as caixas foram arrumadas em prateleiras situadas dentro do laboratório.



**Figura 11** – Acondicionamento do acervo.

Foto: Naira Santana.





**Figura 12** - Organização das caixas de polionda/arquivo nas prateleiras.

Foto: Naiara Santana.

Nesse meio tempo foram devolvidas ao laboratório no início de 2015 os artefatos líticos que estavam emprestados a arqueóloga Juliana Resende Machado, para a obtenção do título de mestre na França. Iniciamos novamente a conferência, começamos a perceber que parte dos artefatos dessa coleção primeiramente foram marcados, depois analisados e separados categoricamente o que impossibilitou a continuação de ordenar os artefatos por sua marcação.

Como as peças já haviam sido analisadas, optamos por assim deixar e seguir apenas com a conferência das peças, não intervindo na sequência numérica da ficha de arrolamento. Essa escolha embaralhou a numeração apenas no âmbito do acondicionamento, o que não provocou nenhum problema, pois estando com a ficha de arrolamento em mãos, facilmente identifica-se as informações atreladas a peça, além de proporcionar agilidade no manuseio e estudos, pois permite a localização de peças que possuem a mesma característica em uma só caixa. Ao observar as disposições das caixas nas prateleiras é perceptível a desordenação de numeração em consequência dessa organização.

Todo gerenciamento do acervo lítico tem por finalidade prepará-lo para comunicar. A extroversão desse conhecimento acontece por meio de produções bibliográficas que têm como alvo o público acadêmico e pelos seminários realizados pelo LADA, o SEMA, que atinge a comunidade interna e externa a universidade.

As análises e consequentes produções são de autoria de Luydy Abraham Fernandes, pois falar sobre a indústria lítica requer conhecimento técnico e

científico. Na análise a metodologia utilizada fica a critério do pesquisador e das exigências impostas pelo objetivo de sua pesquisa.

A documentação da coleção lítica de Piragiba encontra-se em andamento em decorrência da fragmentação, devolução e as recentes campanhas desse acervo, e por isso, tanto a execução da conferência, higienização, marcação, arrolamento e acondicionamento ainda acontecem.

### **3.2.4 Organização do acervo**

Em razão de documentar vários sítios e visando controlar o uso de siglas que os identificam, para evidenciar erros como a duplicação de marcação, foi pensado por Luydy Fernandes um livro manuscrito que registra todas as siglas utilizadas para identificar os sítios arqueológicos pesquisados pelos professores do Laboratório. Nele foram inscritos tanto as siglas dos sítios cujos acervos encontram-se no LADA, como as siglas de sítios pesquisados pelos professores já citados, porém, cujo acervo localiza-se depositado em outras instituições.

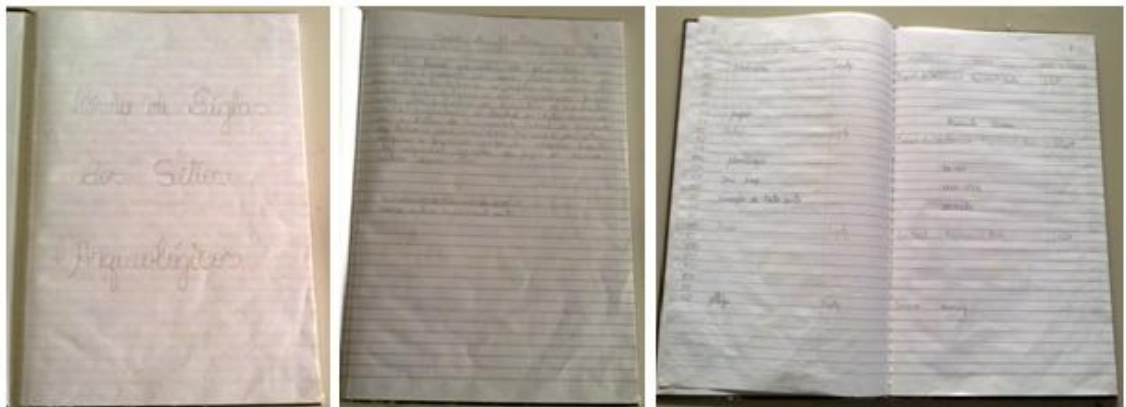
A criação da sigla segue o padrão alfabético AA; AB; AC e assim sucessivamente, de modo que o total de combinações possíveis será de  $26 \times 26 = 676$ , ou seja, permite a individualização de 676 sítios arqueológicos. Tais pares de letras serão usados na marcação bipartida de cada uma das peças do sítio correspondente. O par de letras que individualiza o sítio arqueológico configura o primeiro campo da marcação adotada pelo LADA.

Para a efetivação dos registros utilizou-se um livro de atas de capa dura com 50 folhas pautadas (cada folha tem frente e verso, que são as páginas). A primeira página pautada constitui-se pelo Termo de Abertura, com o seguinte texto: Este livro que contém 50 folhas, todas numeradas e assinadas por mim, Naiara Santana do Nascimento, destina-se ao registro das siglas utilizadas para identificar os sítios arqueológicos pesquisados pelos professores do Laboratório de Documentação e Arqueologia do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – LADA / CAHL/ UFRB. As siglas dos sítios compõem o primeiro campo da marcação bipartida sequencial gravada nas peças do acervo coletado desses sítios.

A partir da segunda página os registros começam a ser feitos em folhas duplas. Uma folha dupla é a página da direita e a página da esquerda considerada de modo contínuo. Cada folha dupla foi dividida em seis colunas cujo cabeçalho, inscrito na primeira linha, é o que segue: Sigla / Nome do Sítio / Pesquisador / Município / Projeto / Local de Guarda.

Para cada folha dupla se destina uma letra, deste modo a primeira folha dupla é destinada para as siglas começadas pela letra A, a segunda folha dupla para as siglas da letra B e assim sucessivamente. Tomando como exemplo a folha dupla das siglas iniciadas pela letra A, na primeira linha da coluna 'Sigla' registra-se 'AA'; na segunda linha dessa mesma folha dupla vai a sigla 'AB', na próxima linha a sigla 'AC' e assim por diante até que na 26ª linha desta folha teremos a sigla 'AZ'. Procede-se da mesma maneira para as próximas páginas destinadas às siglas com 'B', com 'C' até que na 26ª folha dupla encerram-se os registros das siglas com 'Z', em cuja 26ª linha se vê a sigla 'ZZ'.

Foram inseridas todas as siglas mesmo as que ainda não foram utilizadas, pois assim os campos ficam abertos para o seu preenchimento de modo ordenado alfabeticamente, o que evita confusão e o erro da duplicata de uso da mesma sigla para dois sítios diferentes.



**Figura 13** - Livro de Siglas.

Foto: Naiara Santana

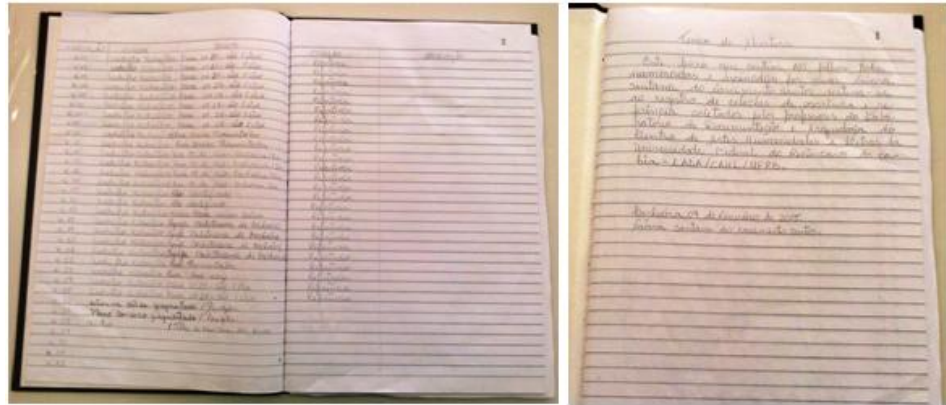
Outra forma de controlar o acervo, também pensada por Luydy Abraham Fernandes, é o livro de Ocorrências e Referências, que são acervos que não

configuram um conjunto de sítios, pois a coleção de ocorrência é composta por artefatos encontrados em sítios que não condiz com a sua tipologia como é a situação de uma moeda fabricada no ano de 1929 com o valor monetário de 200 réis encontrada na cidade de Morro do chapéu, na toca Grande, um sítio de abrigo multicomponencial, em área de garimpo. Já a coleção de Referência temos como exemplo os tijolos do Engenho Vitória, a fim de podermos comparar com as técnicas de produção de outros engenhos.

Então para manipular esses acervos que integram o LADA aplicamos também uma numeração bipartida começada com a letra 'X' seguida de um ponto e numeração sequencial. Desse modo todos esses objetos receberão a mesma letra os caracterizando como parte dessas coleções e dentro delas singularizadas pela numeração sequencial.

Para realizar os registros utilizou-se um livro de atas de capa dura com 100 folhas pautadas (cada folha tem frente e verso) A primeira página pautada constituiu-se também pelo Termo de Abertura, com o seguinte texto: Este livro que contém 100 folhas, todas numeradas e assinadas por mim, Naiara Santana do Nascimento, destina-se ao registro das coleções de Ocorrência e Referência sítios arqueológicos pesquisados pelos professores do Laboratório de Documentação e Arqueologia do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – LADA / CAHL/ UFRB. As siglas compõem o primeiro campo da marcação bipartida sequencial gravada nas peças do acervo coletado desses sítios.

A partir da segunda página os registros começam a ser feitos em folhas duplas, assim como o livro de siglas. Cada folha dupla foi dividida em seis colunas cujo, cabeçalho inscrito na primeira linha, é o que segue: Marcação /Classe / Origem/Coleção / Observação. O campo 'Coleção' corresponde à discriminação de coleção de Referência ou Ocorrência.



**Figura 14** – Livro de coleções de Ocorrência e Referência

Foto: Naiara Santana

Esses livros permitem obter o controle do acervo, além de possibilitar aos integrantes de se certificarem enquanto a não repetição de aplicação de siglas de sítios já existentes em sítios posteriormente adquiridos.

### **3.3 Implicações de gerir acervo arqueológico**

Agora, pensando de modo geral, gerir acervo arqueológico vai muito além de salvaguardar e cumprir as demandas condicionadas pelo endosso. Inclui a atividades museográficas, e mais, significa apoiar projetos Arqueológicos veiculados a licenciamento ambiental ou fins científicos, aceitando a transferência de competência do Estado/IPHAN, referente ao patrimônio arqueológico para as instituições endossantes.

No cenário de geração de acervo a atuação das instituições de guarda é inexistente, tanto o IPHAN quanto a própria instituição delega ao arqueólogo através da carta de endosso o poder de deliberar sobre o patrimônio arqueológico que irá endossar, pois mesmo no momento em que a aquisição desses objetos é efetuada a instituição endossante não responde pelo estado desses objetos, mas sim o arqueólogo coordenador do projeto. Problematicando este assunto Carlos Alberto Santos Costa e Fabiana Comerlato dissertam:

(...) a instituição terá a responsabilidade de gestão e manutenção dos acervos, assumida em decorrência de um processo de transferência de autonomia institucional, que da forma como está posta não garante as condições mínimas de recepção dos acervos arqueológicos. Ou seja, a instituição fica a mercê do bom senso e da boa fé dos agentes que controlam os projetos endossados. E não existindo a real assunção do compromisso dos projetos endossados, a instituição estará em situação delicada, pois está legalmente desamparada. (COSTA e COMERLATO, 2014, p. 129).

Ainda segundo Costa e Comerlato (2014) as instituições podem amenizar a insegurança no momento do endosso tomando medidas de precaução, se resguardando de possíveis desvalias: Uma delas é pressionar órgãos competentes para agirem arbitrando junto às questões de endosso para que as instituições participem ativamente nas etapas de geração de acervos e ainda que o IBRAM legisle acerca de guarda de acervos arqueológicos, pois é de sua responsabilidade os assuntos pertinentes aos bens musealizados e em processo de musealização. Uma vez que as instituições assumem funções museológicas frente aos acervos arqueológicos é inexplicável o distanciamento do IBRAM diante de tais problemáticas.

Essas sugestões demandam de um longo período de discussão até que as instituições se beneficiem desses novos contornos. Porém, diante da obrigatoriedade legal de emissão da carta de endosso as instituições podem buscar garantias na negociação de guarda de acervos arqueológicos, pois a Portaria Minc/Sphan nº 07/88 não qualifica que tipo de endosso institucional deverá ser utilizado. Portanto fica a critério da instituição definir qual o modelo de endosso que melhor atenderá os interesses institucionais. Outra possibilidade é que se as instituições se perceberem em situação de risco em emitir o endosso podem não fornecê-lo.

O LADA enquanto instituição endossante coordenado por profissionais que contribuem para as discussões da Musealização da arqueologia está cauteloso dessas implicações provenientes da emissão da carta de endosso institucional.

## **Considerações Finais**

Todos os assuntos abordados ao longo desta pesquisa para falar da documentação museológica em acervo arqueológico trouxeram para o seio da discussão a musealização da arqueologia. Dessa forma discorreremos sobre caminhos legais e burocráticos que todo acervo arqueológico percorre visto que mesmo antes da documentação arqueológica e museológica há uma documentação administrativa como ponto inicial dessa musealização.

Composto por acervo de arqueologia de contato e em sua maioria arqueologia acadêmica, o LADA transita por esses ditames legais que envolvem IPHAN e IBRAM atuando como instituição endossante.

Ao trabalhar com práticas museológicas aplicadas em acervo arqueológico, em especial a documentação aqui exemplificada pela coleção lítica do sítio Piragiba, o laboratório instantaneamente cruza as disciplinas Museologia e Arqueologia. Essa inter-relação faz com que o LADA materialize a discussão da Musealização da arqueologia, assunto que vem sendo constantemente debatido, pois compreendemos que as áreas não podem ser vistas de forma dissociadas uma vez que “A arqueologia preocupa-se em coletar os dados científicos que utilizará na pesquisa, enquanto a museologia interessa-se pelo gerenciamento e divulgação dessa informação”(LEAL, 2011, p.34). O que nos faz pensar na necessidade de trabalharem de forma complementar.

A documentação enquanto atividade museográfica aqui tratada como parte do processo de musealização é a principal prática executada no âmbito do LADA. Assim, podemos afirmar cientificamente a sua essencial contribuição nos procedimentos museográficos, inclusive na extroversão, pois age na potencialização de artefatos na qualidade de suporte informativo, o que conseqüentemente os torna passíveis de serem preservados.

Todas as ações realizadas pelo LADA o configuram como espaço de cunho museológico, representando as transformações no cenário museológico com espaços que atendem a mesma finalidade de um museu legalmente institucionalizado por meio de práticas museológicas. No entanto, assim como as

instituições museais o LADA sofre com a grande demanda de acervo e a pouca disponibilidade de espaço de guarda. Em seu caso, especificamente, pelo fato de não somente exercer funções museológicas, mas também desenvolver e ministrar respectivamente no mesmo espaço de guarda, pesquisas e aulas.

É válido dizer que seria de suma importância tanto para o curso de museologia quanto para a comunidade em geral que o Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB direcione o seu olhar para o LADA, pois além de ser um espaço de educação formal atua junto a comunidade na sensibilização da identidade cultural, por meio da comunicação dos vestígios materiais.

Por fim acredita-se que o presente estudo, subsidie os próximos estagiários e integrantes do grupo de pesquisa no gerenciamento de objetos arqueológicos e no entendimento dos procedimentos adotados pelo laboratório.



## Referências

Bahia Arqueológica <<http://www.bahiaarqueologica.ufba.br/?p=191>> Acesso em 26 Dez. 2015, 01:21:14.

BALLARDO, Luciana Oliveira Messeder. **Documentação museológica**: elaboração de um sistema documental para acervos arqueológicos e sua aplicação no laboratório de estudos e pesquisas arqueológicas/ufsm. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa MARIA, Centro de Ciências sociais e Humanas, Programa PES de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural R, S, 2013.

BOYLAN, Patrick. **Como gerir um museu**: manual prático. Paris: ICOM–Conselho Internacional de Museus, 2004.

BRASIL .Constituição (1946) Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1946. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm)>. Acesso em 24 set.2015.

BRASIL. Constituição (1937) Constituição dos estados unidos do Brasil (10 de novembro de 1937) Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao37.htm)> Acesso em 24 set 2015.

BRASIL. Portaria interministerial nº 60, de 24 de março de 2015, ministério do meio ambiente, DOU de 25/03/2015 (nº 57, Seção 1, pág.71)<[http://www.lex.com.br/legis/26632223\\_portaria\\_interministerial\\_n\\_60\\_de\\_24\\_de\\_marco\\_de\\_2015.aspx](http://www.lex.com.br/legis/26632223_portaria_interministerial_n_60_de_24_de_marco_de_2015.aspx)> Acesso em 24 set.2015, 19:08:31

BRASIL. Portaria nº 230, de 17 de Dezembro de 2002<<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/Portaria%20IPHAN%20230%20de%202002.pdf>> Acesso em: 22 Set.2015, 10:09:44.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARAUJO, Marcelo. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: **textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; **Musealização da Arqueologia. Cadernos de Sóciomuseologia**. Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades tecnologias, Lisboa 1999.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarate. **Arqueologia musealizada: Patrimônio cultural e preservação em Fernando de Noronha**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão do patrimônio arqueológico no centro-oeste: contribuições para a rede de museus e acervos de arqueologia e etnologia (REMAAE). **Revista De Arqueologia**, v. 26, n. 2, 2015.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. **Caderno de Diretrizes Museológicas**. Brasília/MINC/IPHAN/Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, p. 34-79, 2006.

CERAVOLO, Suely Moraes. **Cultura baiana em exposição: José Antônio do Prado Valadares** 'um homem de museu'. 2007.

CERAVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. **Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação**. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação ;GT 2 – Organização e Representação do conhecimento comunicação oral. Salvador- Bahia Brasil. 2007.

CERAVOLO, Suely. Moraes; TÁLAMO; Maria de Fátima Gonçalves. Moreira. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 10, 2000.

COMERLATO, Fabiana **inauguração do lab. de doc. e arqueologia** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < [colegiadodemuseologia@gmail.com](mailto:colegiadodemuseologia@gmail.com) > em 05 Jan. 2016.

Cosem, Coordenação do Sistema Estadual de Museus<<http://www.cosem.cultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=30>> Acesso em: 27 Dez. 2015, 22:43.17.

COSTA, Carlos Alberto Santos, A materialidade de uma relação interdisciplinar - Museologia e Arqueologia - parte 1 – **Revista Museu: Cultura levada a sério**. Postado em 30 de dezembro de 2008 \ 13:26 por Editoria RM.

COSTA, Carlos Alberto Santos, **relatório final do Projeto BA 001**, 2012.

CURY, Marília Xavier. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. **Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola**, v. 1, 2009.

DIAS, Marjori Pacheco. Novos Métodos Curatoriais Aplicados aos Materiais Arqueológicos: da intervenção ao acervo: **Revista LEPA** – textos de Arqueologia e Patrimônio. V.1. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

FERNANDES, Henry Luydy Abraham, Burialsfromthe Aratu site in Piragiba - Bahia. **Os sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba** – Bahia. Salvador, 2003. 2 v. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

FERNANDES, Henry Luydy Abraham ; NASCIMENTO, George Silva do. Estigmas de uso em uma lâmina lascada do norte de Minas Gerais. **Revista Teoria & Sociedade**, 2015.

FERNANDES, Henry Luydy Abraham. Elementos das Lâminas de Machado Lascadas de Sítios Aratu na Bahia. **Habitus**, v. 9, n. 2, p. 239-257, 2011.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática.** Cadernos de Ensaio: Estudos de Museologia, Rio de Janeiro: Minc. IPHAN, n. 2, p. 64-74, 1994.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio–PPG-PMUS Unirio|MAST-vol**, v. 4, n. 2-2011, p. 111, 2011.

FOGAÇA, Emilio, **Pequeno manual para o estudo de indústrias de pedra lascada**, Aracajú, 2010.

IBRAM portaldoinstitutobrasileirodemuseus<<http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>>Acesso em: 26 Dez. 2015, 23:46:28.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não - formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7, n. 1, 2008.

JUNIOR, José do Nascimento; CHAGAS, Mário. **Museus e política: apontamentos de uma cartografia - CADERNO de diretrizes museológicas 1.** Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2º Edição, 2006.

LEAL, Ana Paula da Rosa. **Musealização da Arqueologia: Documentação e Gerenciamento no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná.** 2011. 76f. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

MENDONÇA, Elizabete de Castro. "**A musealização do patrimônio arqueológico em Sergipe: um estudo sobre endosso institucional e gestão de acervos coletados.**". In.XIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XIII ENANCIB 2012.

NASCIMENTO, Fátima Regina; SÁ, Ivan Coelho de Sá. **Introdução à técnica de museus, uma visão crítica.** Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.487-496, set./dez., 2013.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo.** Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º Edição. Florianópolis: FCC, 2014.

Recôncavo Arqueológico<<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/>>Acesso em: 24 Out.2015. 12:34:01.

RIBEIRO, Diego Lemos. A musealização da Arqueologia: um estudo dos Museus de Arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville. **Revista de Arqueologia.** VOLUME 26 No 2 2013 / Volume 27 No 1 2014.

SALADINO, Alejandra. ; COSTA, Carlos Alberto Santos . . E agora, José? Reflexões sobre o estado da arte do patrimônio arqueológico no Brasil. In: Juliano Bitencourt Campos, Daniel Ribeiro Preve, Ismael Francisco de Souza. (Org.). **Patrimônio**

**cultural, direito e meio ambiente:** um debate sobre a globalização, cidadania e sustentabilidade. 1 ed. Curitiba: Multideia Editora, 2015, v. 1, p. 169-190.

SALADINO, Alejandra; COSTA, Carlos Alberto Santos; MENDONÇA; Elizabete de Castro. A César o que é de César: o patrimônio arqueológico nas organizações formais do Brasil. **Revista de Arqueologia Pública:** Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia Pública de Unicamp, n. 8, p. 106-118, 2013.

SANTOS, Liliane Bispo do; LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. Musealização como estratégia de preservação: Estudo de Caso sobre um previsor de marés. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 5 no 1 – 2012.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. **Patrimônio arqueológico paulista: proposições e provocações museológicas.** 2011. Tese de Doutorado.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica:** uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 180 f. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

## Apêndice A

Titulo do Projeto	Coordenador	Ano de conclusão	Situação	Produtos
Ladrilhos hidráulicos de Cachoeira, Bahia - Brasil	Fabiana Comerlato	-	Andamento	-
Arqueologia do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia	Carlos Alberto Santos Costa	-	Andamento	-
Arqueologia experimental: picoteamento	Luydy Abraham Fernandes.	-	Andamento	-
Estudo dos cemitérios das santas casas de misericórdia do recôncavo sul da Bahia	Fabiana Comerlato	2015	Concluído	Comunicação no VI SEMA
Arqueologia no Recôncavo Norte: Simões Filho, Bahia	Carlos Alberto Santos Costa	2015	Concluído	Comunicação no VI SEMA
Estudo dos cemitérios das Santas Casas de Misericórdia do Recôncavo da Bahia	Fabiana Comerlato	2014	Concluído	Comunicação no VI SEMA e II SEMUCIPA, no prelo
Interações Aratu x Tupi no Oeste da Bahia	Luydy Abraham Fernandes	2014	Concluído	Artigo
Mapeamento de sítios arqueológicos: municípios de Cachoeira e São Félix	Luydy Abraham Fernandes	2010	Concluído	Cartilha didática, mapas impresso de localização dos sítios, folders
As armações da pesca da baleia em Itaparica, Bahia	Fabiana Comerlato	2010	Concluído	Relatório final do projeto, matéria no jornal da SAB, resumo publicado em anais.
Contextos arqueológicos e marcos temporais nos grafismos rupestres da Chapada Diamantina: análises laboratoriais das coleções derivadas dos sítios Toca da Figura e Toca do Pepino	Carlos Alberto Santos Costa	2012	Concluído	Análise laboratorial
Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina - região de Jacobina	Carlos Alberto Santos Costa	2012	Concluído	Tese e doutorado, artigo
Arqueologia em Tela: "o cinema como recurso didático"	Fabiana Comerlato	2011	Concluído	Apresentações áudio visuais de filmes arqueológicos
Os cemitérios de Cachoeira e São Félix: identificação, análise e preservação	Fabiana Comerlato		Andamento	Artigo, folders. Publicação em anais
Embrechados nas cúpulas das torres sineiras das igrejas do Recôncavo da Bahia	Fabiana Comerlato	2012	Concluído	Artigos, Monografia, tese de mestrado, comunicação, apresentação de pôsteres
Digitalização, análise e socialização da base de dados do Mapeamento dos sítios arqueológicos de Cachoeira e São Félix	Fabiana Comerlato	2012	Concluído	Comunicação no I SEMA e digitalização dos dados do mapeamento
Formação de sinais de uso em instrumentos lascados experimentais	Luydy Abraham Fernandes	2014	Concluído	Comunicação, monografia, artigo no prelo

## Apêndice B



Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA LABORATÓRIO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUEOLOGIA – LADA

**ORIENTADOR:** Ludy Fernandes Abraham  
**Estagiário (a):** Naiara Santana

#### Ficha de Arrolamento do Sítio Piragiba

Nº Antiga	Município	Sítio	Local	Caixa	Observação
PG.PR.I.01					
PG.PR.I.02					
PG.PR.I.03					
PG.PR.I.04					
PG.PR.I.05					
PG.PR.I.06					
PG.PR.I.07					
PG.PR.I.08					
PG.PR.I.09					
PG.PR.I.10					
PG.PR.I.11					
PG.PR.I.12					
PG.PR.I.13					
PG.PR.I.14					
PG.PR.I.15					
PG.PR.I.16					

PG.PR.I.17					
PG.PR.I.018	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.19					
PG.PR.I.020	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.21					
PG.PR.I.22					
PG.PR.I.23					
PG.PR.I.24					
PG.PR.I.25					
PG.PR.I.026	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	s.maciço
PG.PR.I.27	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.28					
PG.PR.I.029	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.30					
PG.PR.I.31					
PG.PR.I.32					
PG.PR.I.33					
PG.PR.I.34					
PG.PR.I.35					
PG.PR.I.36					
PG.PR.I.37					
PG.PR.I.38					
PG.PR.I.39					
PG.PR.I.40					
PG.PR.I.41					
PG.PR.I.42					

PG.PR.I.43					
PG.PR.I.44					
PG.PR.I.45					
PG.PR.I.46					
PG.PR.I.47					
PG.PR.I.48					
PG.PR.I.49					
PG.PR.I.50					
PG.PR.I.51					
PG.PR.I.56					
PG.PR.I.57					
PG.PR.I.58					
PG.PR.I.59	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	S.Maciço – 20.11.1997. MAE/UFBA (Brilho)
PG.PR.I.60					
PG.PR.I.061	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.62					
PG.PR.I.63					
PG.PR.I.64					
PG.PR.I.65					
PG.PR.I.66					
PG.PR.I.67					
PG.PR.I.68					
PG.PR.I.069	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. bandado. 09.11.96
PG.PR.I.70	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.71	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.72	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	



	Francisco				
PG.PR.I.73	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.74	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.75					
PG.PR.I.76					
PG.PR.I.77	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.78	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.12	Arenito silicificado; Lasca com brilho.
PG.PR.I.79	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	s.maciço 09-11-96
PG.PR.I.80					
PG.PR.I.81	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado com brilho
PG.PR.I.082	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço 09-11-96 (Estava na UFMG)
PG.PR.I.83					
PG.PR.I.84					
PG.PR.I.085	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Mandado, 09-11- 96 ( estava na UFMG)
PG.PR.I.86	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.087	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S.Maciço 09-11- 96 (estava na UFMG)
PG.PR.I.088	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	09-11-96 (estava na UFMG)
PG.PR.I.89	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.90	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço

					09-11-96
PG.PR.I.91					
PG.PR.I.092	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.93	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Estava e em UFMG
PG.PR.I.94					
PG.PR.I.95	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Quartzo, 11.08.96 (estava na UFMG)
PG.PR.I.96	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	s. bandado. 09.11.96 (estava na UFMG)
PG.PR.I.97	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.098	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Estava na UFMG
PG.PR.I.99					
PG.PR.I.100					
PG.PR.I.101	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Lasca S.Maciço – 09.11.1996. MAE/UFBA (Brilho)
PG.PR.I.102					
PG.PR.I.103	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	s.maciço 09.11.96
PG.PR.I.104	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	s.bandado 08.10.96
PG.PR.I.105	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Lasca retocada , Arenito silificado– 09.11.1996
PG.PR.I.106	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Lasca retocada , Arenito silificado
PG.PR.I.107					
PG.PR.I.108	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.109	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	s. bandado 09-11-96

PG.PR.I.110					
PG.PR.I.111	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado
PG.PR.I.112	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.113	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	s. bandado 09.11.96
PG.PR.I.114	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	s. maciço 09.11.96
PG.PR.I.115	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.116	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado S. Maciço – 09.11.1996. MAE/UFBA
PG.PR.I.117	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.118					
PG.PR.I.119	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.120	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.121	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.122	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Lasca retocada, S. Bandado – 09.11.1996. MAE/UFBA
PG.PR.I.123					
PG.PR.I.124					
PG.PR.I.125	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	Machado lascado 09.11.96
PG.PR.I.126	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.127	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Maciço 09.11.96
PG.PR.I.128	Muquém do São	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço 09.11.96

	Francisco				
PG.PR.I.129					
PG.PR.I.130					
PG.PR.I.131	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Artefato levado para análise em Ushuaia na (Argentina ) Nov.2014; peça com brilho
PG.PR.I.132					
PG.PR.I.133	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.134	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.135	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Quartzo 09.11.96 ( estava na UFMG)
PG.PR.I.136	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.137					
PG.PR.I.138					
PG.PR.I.139	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.12	S.Maciço 09.11.96 ( peça Brilho)
PG.PR.I.140					
PG.PR.I.141	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.142	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Lasca S.Maciço, Seixo com cicatrizes de lascamento – 09.11.1996. MAE/UFBA
PG.PR.I.143	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Arenito silicificado 09.11.96

PG.PR.I.144	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Maciço 25.10.96
PG.PR.I.145	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	Peça levada para análise e Ushuaia (Argentina). Peça com brilho
PG.PR.I.146	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S.Maciço 20.01.97
PG.PR.I.147	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado S. Bandado – 20.01.1997. MAE/UFBA (Brilho)
PG.PR.I.148	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.149	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.150	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.151	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Bandado 20.01.97
PG.PR.I.152	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Maciço 20.01.97
PG.PR.I.153	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.154	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.155	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Machado Lascado/. S. Maciço/ 20.01.97. Brilho?
PG.PR.I.156	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Maciço 20.01.97
PG.PR.I.157	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Bandado 20.01.97
PG.PR.I.158					
PG.PR.I.159					
PG.PR.I.160	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.161	Muquém do São	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado,

	Francisco				Arenito silificado.
PG.PR.I.162	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.163	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	Peça levada para Ushuaia (Argentina) Nov.2014 (Peça com brilho)
PG.PR.I.164	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	Peça levada para Ushuaia (Argentina) Nov.2014 (Peça com brilho)
PG.PR.I.165	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado, S.Maciço – 20.01.1997. MAE/UFBA (Brilho)
PG.PR.I.166					
PG.PR.I.167	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado,S. Bandado– 20.01.1997.
PG.PR.I.168	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.169	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Maciço 20.01.97
PG.PR.I.170	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Bandado 02.99
PG.PR.I.171	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.172	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.173	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.174					
PG.PR.I.175	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.176	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Bandado 20.01.1997

PG.PR.I.177	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.178					
PG.PR.I.179	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.180	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.181	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.182	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado, S.Bandado. 20.01.1997-MAE/UFBA
PG.PR.I.183	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.184					
PG.PR.I.185					
PG.PR.I.186	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	Machado Lascado 20.01.97
PG.PR.I.187					
PG.PR.I.188	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.189	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.190	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	Arenito Silicificado 20.01.97
PG.PR.I.191					
PG.PR.I.192	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.193	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	
PG.PR.I.194	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	S.Maciço - 20.01.997. MAE/UFBA. ( Brilho encabemento
PG.PR.I.195	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	

PG.PR.I.196	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado, S. Maciço-201.01.1997. MAE/UFBA( Brilho estrias)
PG.PR.I.197	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.08	S. Maciço 20.01.97
PG.PR.I.198	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado, S.Maciço - 20.01.997. MAE/UFBA.
PG.PR.I.199	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.200	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado, S.Maciço - 20.01.997
PG.PR.I.201	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.202	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.203	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.204	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.205	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado, S.Maciço - 20.01.997. MAE/UFBA.
PG.PR.I.206					
PG.PR.I.207	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.208	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Arenito silificado, 20.01.97
PG.PR.I.209	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.210	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.211	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	



PG.PR.I.212	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.213	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.214					
PG.PR.I.215	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado, S.Maciço. MAE/UFBA. Campo de futebol – estrias e brilho
PG.PR.I.216	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S.Maciço, 20.01.97
PG.PR.I.217	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S.Maciço, 20.01.97
PG.PR.I.218	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Quintal da casa do Sr. Evandro; S. Maciço ( Brilho)
PG.PR.I.219	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.220	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.221	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	20.01.97
PG.PR.I.222	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.223	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado; MAE/UFBA; Quintal da casa do Sr. Evandro, 201.01.1997; S. Maciço.
PG.PR.I.224					
PG.PR.I.225	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Brilho estrias 2,1cm; Machado lascado, S. Maciço; Quintal da D.Irene
PG.PR.I.226	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado com brilho, 20.01.97
PG.PR.I.227	Muquém do São	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	

	Francisco				
PG.PR.I.228	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado, S. Maciço; Quintal da D.Irene; 20.01.1997; MAE/UFBA
PG.PR.I.229					
PG.PR.I.230	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Machado lascado; Quintal da D.Irene; MAE/UFBA
PG.PR.I.231					
PG.PR.I.232	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.233	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.234	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Machado lascado, 22.01.97
PG.PR.I.235					
PG.PR.I.236	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.237	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	22.01.1997
PG.PR.I.238	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Machado lascado, 22.01.97
PG.PR.I.239	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.240	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Machado lascado, 22.0.97
PG.PR.I.241	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.242	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.243	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Machado lascado, 22.01.97
PG.PR.I.244	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.12	22.01.97. Brilho.
PG.PR.I.245	Muquém do São	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	

	Francisco				
PG.PR.I.246	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.247	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.248	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.249	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.250	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.251					
PG.PR.I.252					
PG.PR.I.253					
PG.PR.I.254					
PG.PR.I.255					
PG.PR.I.256					
PG.PR.I.257					
PG.PR.I.258					
PG.PR.I.259					
PG.PR.I.260					
PG.PR.I.261	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	S. Bandado
PG.PR.I.262	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.263					
PG.PR.I.264	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.265	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S. Bandado
PG.PR.I.266	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	S. Maciço
PG.PR.I.267	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	

PG.PR.I.268	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.269					
PG.PR.I.270	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Arenito silificado, 08.03.97
PG.PR.I.271	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.272	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Material lítico, Arenito, s.maciço, brilho, estrias.
PG.PR.I.273	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S.maciço, 01,99
PG.PR.I.274					
PG.PR.I.275	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.276	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S.Maciço, 02.99
PG.PR.I.277	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Bandado 02.99
PG.PR.I.278					
PG.PR.I.279					
PG.PR.I.280	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.281	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S.Bandado,02.99
PG.PR.I.282	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.283	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S. Bandado, 01.99
PG.PR.I.284	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.285	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S.Bandado,02.99
PG.PR.I.286	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S.Bandado,02.99
PG.PR.I.287	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S.Bandado,02.99

PG.PR.I.288	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.289	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	02.99
PG.PR.I.290	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Peça duplicada, material lítico, LML que estava na uma um 4urb; Brilho, estrias. Peça levada para análise em Ushuaia (argentina) Nov. 2014
PG.PR.I.291					
PG.PR.I.292					
PG.PR.I.294	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S. Bandado, 03.99
PG.PR.I.295					
PG.PR.I.296					
PG.PR.I.297					
PG.PR.I.298					
PG.PR.I.299					
PG.PR.I.300	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço 04.10.97
PG.PR.I.301	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09 PP.27	Brilho. Peça levada para análise em Usuahia (Argentina) Nov.2014 - <b>Duplicada</b>
PG.PR.I.302	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço
PG.PR.I.303					
PG.PR.I.304	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Reconfigurado? S. Maciço.
PG.PR.I.305	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S. Maciço. 03.99
PG.PR.I.306					

PG.PR.I.307					
PG.PR.I.308					
PG.PR.I.309					
PG.PR.I.310					
PG.PR.I.311					
PG.PR.I.312					
PG.PR.I.313	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.314	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.315					
PG.PR.I.316	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.317	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Quartzo, estava na UFMG
PG.PR.I.318					
PG.PR.I.319					
PG.PR.I.320	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Arenito silificado
PG.PR.I.321					
PG.PR.I.322	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.323	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S. Maciço. 01.99
PG.PR.I.324	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.325	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Lítico/Arenito silificado
PG.PR.I.326	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.327	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	S. Bandado, 03.09
PG.PR.I.328	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	

PG.PR.I.329	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.330					
PG.PR.I.331	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Brilho
PG.PR.I.332	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	S. Maciço ( Brilho)
PG.PR.I.333	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	Arenito silificado
PG.PR.I.334					
PG.PR.I.335	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	S. Maciço
PG.PR.I.336	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.337	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	
PG.PR.I.338	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.10	Artefato levado para análise em Ushuaia(Argentina) nov.2014; peça com Brilho.
PG.PR.I.339	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.340					
PG.PR.I.341					
PG.PR.I.342	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.343					
PG.PR.I.344					
PG.PR.I.345					
PG.PR.I.346	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Bandado; estava na UFMG.
PG.PR.I.347	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Bandado; estava na UFMG.
PG.PR.I.348					
PG.PR.I.349					

PG.PR.I.350					
PG.PR.I.351					
PG.PR.I.352					
PG.PR.I.353	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.354	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.355	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Arenito silificado
PG.PR.I.356					
PG.PR.I.357	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.358	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço
PG.PR.I.359	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.360	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Bandado. 01.99 Estava na UFMG.
PG.PR.I.361					
PG.PR.I.362	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Muquém do São Francisco
PG.PR.I.363	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.364	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Estava na UFMG
PG.PR.I.365					
PG.PR.I.366	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.367	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.368	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Brilho; peça levada para Usuhaia( Argentina) nov.2014
PG.PR.I.369					



PG.PR.I.370	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.371	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.372					
PG.PR.I.373	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.374	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.375	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.376	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.377					
PG.PR.I.378					
PG.PR.I.379	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Arenito silificado
PG.PR.I.380					
PG.PR.I.381					
PG.PR.I.382					
PG.PR.I.383	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço; 03.99
PG.PR.I.384	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço; 01.99
PG.PR.I.385					
PG.PR.I.386	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço; estava em UFMG.
PG.PR.I.387					
PG.PR.I.388					
PG.PR.I.389	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.390	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Estava na UFMG
PG.PR.I.391	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Bandado; estava em UFMG.

PG.PR.I.392	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.393	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço 03.99
PG.PR.I.394	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.395	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.396	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.397	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço; 29.08.92
PG.PR.I.398					
PG.PR.I.399	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.400	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.401	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.402	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.403	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.404	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.405	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.406	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.27	
PG.PR.I.407	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.408	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.409	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	Arenito silificado. 03.99; estava em UFMG.
PG.PR.I.410	Muquém do São	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	

	Francisco				
PG.PR.I.411	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.412	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.413	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S. Maciço.
PG.PR.I.414					
PG.PR.I.415					
PG.PR.I.416					
PG.PR.I.417	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.418	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.419					
PG.PR.I.420					
PG.PR.I.421	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.422	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.423					
PG.PR.I.424	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	
PG.PR.I.425					
PG.PR.I.426	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.09	S.Bandado

**ORIENTADOR:** Luydy Fernandes Abraham

**Estagiário (a):** Eliene Lima, Fabiane Lima, Naiara Santana

N <sup>a</sup>	Município	Sítio	Local	Caixa	Observação
PP.01	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.02	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.12	Lasca com brilho.
PP.03	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.12	Lasca com brilho.
PP.04	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.05	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.06	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.07	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.08	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.09	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.10	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.11	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.12	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.13	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.14	Muquém do São	Praça	Piragiba	PP.14	

	Francisco	Piragiba			
PP.15	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.16	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.17	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.18	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.19	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.20	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.21	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.22	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.23	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.24	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.25	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.26	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.27	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.28	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.29	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.30	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	Peça levada analise em para Ushuaia (Argentina) Nov. 2014
PP.31	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	

PP.32	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.33	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.34	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.35	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.36	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.37	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.38	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.39	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.40	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.41	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.42	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.43	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado
PP.44	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.45	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.46	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.47	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.48	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.49	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.50	Muquém do São	Praça	Piragiba	PP.11	

	Francisco	Piragiba			
PP.51	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.52	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.53	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.54	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.55	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.56	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.57	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.58	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado
PP.59	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.60	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.61	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.62	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.63	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.64	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.65	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.66	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.67	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.68	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	

PP.69	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado com Brilho.
PP.70	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.71	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.72	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.73					
PP.74	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.75	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.76	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.77	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado com Brilho
PP.78	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.79	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.80	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.81	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.82	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.83	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.84	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.11	
PP.85	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.86	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.87	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	



PP.88	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.89	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.90	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.91	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado
PP.92	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.93	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.94	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.95	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.96	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.97	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	
PP.98	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado com Brilho.
PP.99	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.13	Reconfigurado com Brilho. Peça levada par Ushuaia (Argentina) Nov. 2014
PP.100	Muquém do São Francisco	Praça Piragiba	Piragiba	PP.14	